

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
INSTITUTO DE ARTES**

ÁRIO PEREIRA GONÇALVES

QUESTÃO DE PELE

Propostas para combater o racismo estrutural através da educação antirracista

Porto Alegre - RS

2022

ÁRIO PEREIRA GONÇALVES

QUESTÃO DE PELE

Propostas para combater o racismo estrutural através da educação antirracista

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Jéssica Araújo Becker
Orientadora

Prof^a. Dra. Alessandra Lucia Bochio
Membro da Banca

Prof^a. Dra. Gladis Elise Pereira da Silva Kaercher
Membro da Banca

Porto Alegre, 14 de outubro de 2022.

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Ário Pereira
Questão de pele: propostas para combater o racismo
estrutural através da educação antirracista / Ário
Pereira Gonçalves. -- 2022.
73 f.
Orientador: Jéssica Araújo Becker.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2022.

1. Racismo estrutural. 2. Educação antirracista. 3.
Representatividade negra nas práticas pedagógicas. 4.
Representatividade negra nas práticas artísticas. I.
Becker, Jéssica Araújo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

À minha mãe, Dona Arlete, uma mulher inteligente, preta, que sabia o alfabeto mas não conseguia juntar as letras para formar palavras, que criou meios para sobreviver em um mundo onde a palavra escrita é essencial e se sobrepõe à oralidade. Uma mulher que fazia cálculos de cabeça mais como poucos e que, tenho certeza, só foi reprovada 7 vezes na primeira série por causa do racismo existente neste país.

E à minha filha, Ariane, outra mulher preta, que herdou da avó a sabedoria e foi minha maior incentivadora para a realização deste projeto.

Encontrei minhas origens¹

(Oliveira Silveira)²

Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
..... livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
..... cantos
em furiosos tambores
..... ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei

1

<http://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/11-textos-dos-autores/849-oliveira-silveira-encontrei-minhas-origens>

² Nascido em 1941 na área rural de Rosário do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Docente de português e literatura no ensino médio. Atividades jornalísticas. Ativista do Movimento Negro. Idealizou o 20 de novembro, publicou 10 títulos de poesia e colecionou inúmeras homenagens em vida e após. Fonte: <https://www.ufrgs.br/oliveirasilveira/>

RESUMO

Este trabalho versa sobre a minha experiência pessoal enquanto homem negro no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS e seu currículo eurocentrado, discorrendo sobre o racismo estrutural e a representatividade negra (ou falta dela) no ensino de arte e em suas práticas pedagógicas, alertando para a importância da educação antirracista como forma de resistência ao racismo estrutural. Apresento atividades pedagógicas que promovem o debate sobre temas tão urgentes para a nossa sociedade: racismo, educação antirracista, branquitude e negritude, desenvolvidas durante os estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS, bem como a construção de um site que, dentre outras possibilidades, traz um mapeamento de artistas visuais negros, negras e negres. O trabalho será desenvolvido apoiado nos estudos sobre racismo estrutural/institucional de Sílvia Luiz de Almeida, sobre educação antirracista (ou das relações étnico-raciais) em Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e, sobre epistemicídio, em Boaventura de Souza Santos.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo estrutural, educação antirracista, representatividade negra nas práticas pedagógicas e artísticas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. Eu, meu eu e o encontro com as origens: o racismo estrutural na base do ensino/aprendizado de artes visuais	12
CAPÍTULO 2. Da escola à universidade: práticas de educação antirracista	22
2.1. Objetos Propositores Poéticos	27
2.2. Educando para o futuro: a educação como meio de transformação social.	31
CAPÍTULO 3. Representatividade negra nas práticas artísticas	39
3.1. Estrutura do site	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
BIBLIOGRAFIA	57
APÊNDICE I - Práticas pedagógicas	60
a) Estudo das cores a partir do sistema Pantone e do sistema Prisional Brasileiro	60
b) Fotografando sua cor	60
c) Misturando as cores	61
d) Observando a realidade	61
e) Escrevendo nos cartões	61
f) Exposição e avaliação	61
g) Presença da ausência	62
Atividades que integram Presença da ausência	62
a) A cor certa	62
b) Como viveram meus avós	63
c) Autorretrato, auto representação, autodeclaração	64
d) Boa aparência, presenças e ausências	64
e) Escrita positiva	65
APÊNDICE II - Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte.	66

INTRODUÇÃO

Um homem negro ingressar na universidade é um sonho, mesmo que tardiamente. Ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) aos 46 anos de idade através das políticas de ações afirmativas. A sensação ao chegar no portão do Campus Central da Universidade e me deparar com pessoas diferentes das que eu estava acostumado a conviver nos últimos anos foi algo que não consigo descrever. Na sua grande maioria jovens que poderiam ser minhas filhas ou filhos. Inclusive, mais tarde, tive a grata experiência de estudar com ex-colegas de aula da minha filha no jardim de infância.

A única certeza que eu tinha era a de que faria o que mais sei e gosto de fazer: fotografia, mas de um jeito diferente que não sei explicar qual é. Conheci materiais que até então eram desconhecidos, fui apresentado a um universo que só ouvia falar: as Artes Visuais.

Ingressei na licenciatura, mas, como provavelmente deve acontecer com a maioria dos ingressantes neste curso, há uma confusão inicial e o foco são as aulas práticas de atelier. Então fiz muito mais disciplinas com práticas artísticas que o exigido pelo curso. Talvez isso ocorra porque ficamos um ano inteiro envolvidos com estas disciplinas.

Durante o segundo semestre de 2016, até o final do ano de 2017, participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Umbelina Barreto, o que me alertou sobre os reais motivos de eu ter ingressado na universidade e me inseriu, de forma contundente, na área da educação, deixando a produção artística em segundo plano. Ainda em 2017, já no final, ingressei no projeto de extensão Núcleo de Arte Impressa (NAI), coordenado pela Prof^a Dr^a Helena Araújo Rodrigues Kanaan, que cumpriu a tarefa

³ O PIBID é uma política nacional de formação de professores do Ministério da Educação (MEC), que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas.

O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino.

Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa. Fonte: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>.

de manter a produção artística e de pesquisa ativas, discutindo a gravura e seus desdobramentos.

A esta altura da graduação, já havia a certeza de que a escolha pela Licenciatura em vez do Bacharelado fora o caminho certo, mas faltava alguma coisa no conhecimento teórico-prático fornecido pelo Instituto de Artes. Aquele ímpeto inicial foi arrefecendo, atitudes de docentes que até então eram tratadas como normais, passaram a ser internamente questionadas. Referências artísticas vindas dos(as) professores(as), passaram a fazer parte do conjunto “mais do mesmo”. Com o tempo, algumas tarefas passaram a ser cumpridas apenas por obrigação. Quanto ao bloco de disciplinas do curso ligadas à Faculdade de Educação (FACED) era diferente, os trabalhos eram feitos da melhor maneira possível, com destaque para algumas disciplinas como: Psicologia da Educação: o jogo I e II (2017/2 e 2019/1, respectivamente), ministradas pela Prof^a Tânia Ramos Ventura, que valorizam a ludicidade na educação; Seminário: Educação e Movimentos Sociais (2017/2), com a Prof^a Karine dos Santos, que dialoga com os ensinamentos e a pedagogia do educador Paulo Freire (1921-1997); Encontro de saberes (2019/1), que contou com um coletivo de professores de áreas diversas e tratava da valorização do conhecimento ancestral e dos povos originários transmitidos pela oralidade (aqui uma observação importante: nesta disciplina tive contato, pela primeira vez, com professores/as negros/as na universidade); Laboratório de Construção de Material Didático (2020/1), ministrada pela Prof^a Andrea Hofstaetter, onde há o aprofundamento da importância da educação lúdica com a criação de Objetos de Aprendizagem e Objetos Propositores Poéticos.

Mas por que as disciplinas teórico-práticas ministradas pelo Instituto de Artes, que fazem parte tanto do currículo da Licenciatura quanto do Bacharelado em Artes Visuais não figuram de forma significativa entre as disciplinas que marcaram positivamente a minha trajetória acadêmica? Por que esta parcela importante para a formação docente em artes visuais foi perdendo importância ao longo do curso? As respostas para estas perguntas viriam mais tarde, no Estágio obrigatório I: Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental (2021/1), ministrada pela Prof^a Dr^a Luciana Gruppelli Loponte, e, principalmente, em Educação e Relações Étnico-raciais (ERER, 2021/1), com a Prof^a Dr^a Gladis Elise Pereira Kaersher. A causa era a falta de representatividade negra. Nessas disciplinas, já no final do curso, percebi que foram raras as referências onde os(as) artistas apresentados(as) eram negros(as).

Por conta disso, voltando aos rascunhos de desenhos feitos durante o curso, percebi que todos os rostos que desenhei eram de pessoas brancas, e que o único rosto negro que desenhava era o meu próprio. Ou seja, eu não me reconhecia no curso.

A não representação do negro na sala de aula não é exclusividade das referências bibliográficas, mas das imagéticas também. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida neste trabalho de conclusão tentará responder questões importantes como: Por que artistas negros(as) não aparecem, ou aparecem pouco, como relevantes nas referências do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS? Como a universidade trata do assunto? Nas práticas pedagógicas, como a educação antirracista pode ser abordada? Quais outras produções artísticas e pedagógicas poderiam envolver as pessoas para a defesa da causa antirracista?

Nisto, os objetivos principais deste trabalho são provocar o debate sobre o racismo estrutural/institucional nas práticas de sala de aula; apresentar artistas negros, negras e negres com produção artística consistente como importantes referências a serem citadas nas práticas de sala de aula; criar uma página virtual com referências artísticas negras, visando a consulta e a disseminação deste conhecimento.

Representatividade importa! É preciso falar sobre a escassez de referências artísticas negras no curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Apesar de todas as ações afirmativas proporcionadas pela universidade, comparo a UFRGS com uma família branco-hétero que adota uma criança negra sem compreender o que isso significa, sem perceber que há a necessidade de reconhecer as negritudes e branquitudes que circulam pelos seus corredores. Não há (ou se torna mais difícil) como ter nas escolas professores egressos deste curso que pratiquem uma educação antirracista se a própria instituição que forma estes profissionais pratica uma educação racista.

Para discorrer sobre os conceitos envolvidos nesta pesquisa me apoiarei nas teorias sobre racismo estrutural e representatividade negra, de Sílvio Luiz de Almeida. Aqui especificamente trataremos da representatividade nas práticas pedagógicas do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Sobre educação antirracista (ou das relações étnico-raciais) em Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e, sobre epistemicídio, em Boaventura de Souza Santos.

As referências artísticas principais, que discorrerei em seguida, são as que já venho utilizando ao longo da produção dos materiais didáticos e práticas educativas: Angélica Dass (Rio de Janeiro, RJ, 1979), *Humanae*, 2012, em andamento. Berna Reale (Belém, Pará, 1965), *Ginástica da pele*, 2019, que não se enquadra no perfil étnico-racial que utilizarei em todo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), entretanto, sua obra é indispensável quando falamos nas consequências do racismo e desigualdade social no Brasil, que me inspirou no início, quando comecei perceber os problemas que envolvem a racialização do negro. Eustáquio Neves (Juatuba, MG, 1955), *A boa aparência* (1999), *Retrato Falado* (2020) e Pâmela Zorn Vianna (Três Coroas, RS, 1998), *Entre lugares* (2021).

Este trabalho estará dividido em três capítulos: no Capítulo 1 desenvolverei as questões teóricas e conceituais sobre ao racismo estrutural e sua repercussão na universidade, trazendo as minhas experiências enquanto aluno negro em uma universidade que, apesar de todas as ações afirmativas criadas, ainda mantém uma postura conservadora. No capítulo 2, apresentarei as atividades pedagógicas que construí para minimizar o problema da representatividade negra na sala de aula durante o Estágio de Ensino Fundamental do curso de Licenciatura em Artes Visuais, promovendo a educação antirracista. E no capítulo 3, apresentarei o material virtual criado para dar visibilidade a artistas negros, negras e negres, estimulando a consulta e multiplicação por pesquisas acadêmicas futuras, problematizando representatividade.

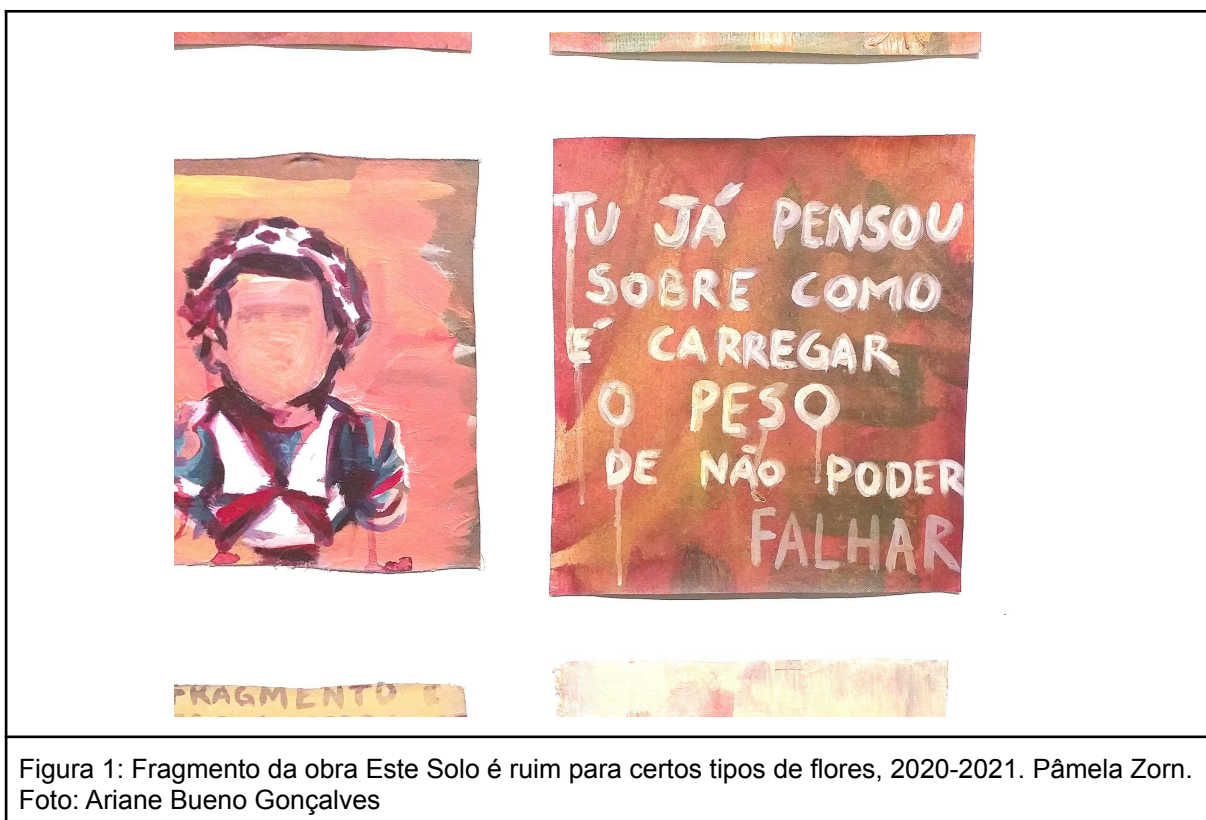
Muito do que discorrerei neste trabalho vem da minha experiência pessoal, de um homem negro, criado na periferia mas, por que não dizer, embranquecido pelo tempo, e que iniciou o seu letramento racial já próximo dos 50 anos de idade. Assim como eu, muitas pessoas negras passam por isso. Algumas descobrem sua negritude mesmo que tardiamente, enquanto outras, passam a vida inteira sem ter noção do que é isso.

A prática da educação antirracista pode fazer com que casos como o meu diminuam ou desapareçam. Esta é a motivação maior deste trabalho, ainda mais porque foi somente na saída, no final da minha graduação que eu percebi, ou ficou clara, a falta de representatividade do povo negro nas referências bibliográficas e imagéticas apresentadas na sala de aula.

CAPÍTULO 1. Eu, meu eu e o encontro com as origens: o racismo estrutural na base do ensino/aprendizado de artes visuais

“Encontrei minhas origens em velhos arquivos
... livros
encontrei em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens”
(Oliveira Silveira)

Medo. Este é o primeiro sentimento de um homem negro que iniciou seu letramento racial⁴, ou seja, a reflexão sobre os conhecimentos teóricos e práticos que levam a desconstruir formas de pensar e agir racializadas que foram naturalizadas, somente próximo dos 50 anos de idade. Sei que, ao escrever este trabalho, não estou falando somente de mim, mas de um grupo de pessoas, homens pretos e mulheres pretas excluídos, invisibilizados.



⁴ Portal Geledés. ALMEIDA, Neide A. de. Letramento racial: um desafio para todos nós. <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>

Medo de não poder errar, pensando nas palavras escritas em um fragmento da obra da artista Pâmela Zorn Vianna (figura 1)⁵: *“Este solo é ruim para certos tipos de flores, 2020/2021”*. No trabalho, ela nos faz uma pergunta retórica: *“Tu já pensou como é carregar o peso de não poder falhar?”* Tenho a consciência que, conforme nos diz Grada Kilomba (2019), para uma pessoa negra é “preciso ser ao menos três vezes melhor do que qualquer pessoa *branca*, para se tornar igual.” (KILOMBA, 2019. p.174). Entretanto, neste momento, não tentarei ser o melhor mas tenho a certeza de ter feito o melhor que pude.

O poema de Oliveira Silveira (1941-2009), *Encontrei minhas origens*, fala do encontro com um passado perdido - ou apagado. Mas não se trata de encontrar um passado vivido e perdido pelo narrador. Trata-se do encontro com um passado ancestral, de um homem ou de um povo com sua história. Também não se trata de se olhar no espelho e repentinamente perceber que sua cor de pele é escura. Trata-se do encontro com a negritude, confirmando o que nos diz Silvio Almeida: “O negro faz-se humano com a negritude e com a consciência negra, que constituem a reação intelectual e política contra as condições impostas a ele pelo racismo” (ALMEIDA, 2019. p. 77) e, assim, “assumir a condição de negro a fim de subverter os padrões racistas” (ALMEIDA, 2019. p. 79). Ao fazer-se humano, o povo negro deixa de existir como o outro, restituindo sua subjetividade. “No racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter.” (KILOMBA, 2019, p.39)

Fui apresentado ao poema de Silveira em uma aula/performance⁶, onde o colega Henrique Pascual Santos solicitou que a turma fizesse sua autodeclaração racial. Após separar a turma em dois grupos, os racializados e os não racializados, o colega virou-se de costas para os não racializados, os brancos, e imensa maioria dos presentes na sala de aula, recitando o poema para as pessoas autodeclaradas negras e indígenas. Por óbvio, o resultado foi o desconforto entre os(as) alunos(as) brancos(as), pois esse não é o lugar que eles/elas estão acostumados a ocupar: o lugar da exclusão. Mais tarde, ao perceber a falta de representatividade negra nas referências das práticas artísticas e pedagógicas no curso de Licenciatura em Artes

⁵ Pâmela Zorn Vianna (Três Coroas, 1998). Formada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pela Universidade de Évora, Portugal.

⁶A aula consistia em um trabalho de grupo para a disciplina Docência e pesquisa: aula, método, educador, ministrada pelo Prof. Dr. Cristiano Bedin da Costa, no semestre letivo 2019/1, cujo tema era multiculturalismo.

Visuais da UFRGS e iniciar as pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho, o poema voltou de forma vigorosa ao meu pensamento, pois passei a compreendê-lo de forma mais profunda, o que não acontecera quando da primeira audição.

Entretanto, escrever sobre racismo e suas mazelas requer muito mais espaço além do disponível em um trabalho de conclusão de graduação. Por isso, aqui, me resignarei ao relato e compreensão de uma parte dessa engrenagem, que vivi e vi presentes no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS: a falta de representatividade negra nas referências e práticas pedagógicas, propondo atividades que combatam esta prática.

Nesse sentido, é preciso retornar um pouco ao passado, trazendo para a discussão conceitos pouco conversados na academia, fazendo um alerta para a comunidade acadêmica no sentido de que, para haver mudanças no *status quo*, há a necessidade da mudança de paradigmas através da promoção de uma educação antirracista, sempre levando em consideração que “o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço *branco* onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas *negras*.” (KILOMBA, 2019. p. 50).

Silvio Luiz Almeida, nos faz entender que:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. (ALMEIDA, 2019. p. 24 e 25).

Então, raça é um conceito histórico, criado a partir do início da colonização das américas. Para Aníbal Quijano, “raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população”. (QUIJANO, 2005. p. 118). Sem essa estrutura seria difícil, ou impossível, colonizar, escravizar e manter o sistema capitalista da maneira que conhecemos hoje. “A Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento.” (QUIJANO, 2005. p. 121). Compreendemos o racismo conforme o pensamento de Almeida (2019), que define racismo como

(...)a “forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” (ALMEIDA, 2019. p. 32),

Assim, o racismo se torna a base de sustentação da hegemonia branco-europeia ou, no nosso caso, branco-brasileira. Por conta do racismo, no Brasil, apesar da população formada pelo conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas ser maioria, contando com quase 55% da população, ainda se vê pouca representação deste grupo em postos de decisão.

Na prática, toda pessoa negra compreende muito bem o racismo quando se trata do racismo ou discriminação direta, isto é, aquele conjunto de micro agressões praticadas cotidianamente e diretamente sobre ela, ou seja, o “repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial” (ALMEIDA, 2019. p. 32). Entretanto, nem todas as pessoas negras percebem que o racismo se trata de um “fenômeno social complexo” (ALMEIDA, 2019. p. 57), muito sutil, que requer muito mais atenção para ser percebido. Talvez seja o racismo o crime quase perfeito, pois é um crime com muitas vítimas mas quase nenhum criminoso, onde, segundo pesquisa realizada em 2020 pelo jornal digital Poder 360⁷, 81% da população brasileira admite a existência do racismo, mas somente 34% se admite racista. Aqui um dado a ser observado: esta pesquisa é uma repetição de outra já realizada pelo Jornal Datafolha em 1995, que detectou que o percentual de pessoas que admitiam a existência do racismo era de 81%, enquanto 10% dos entrevistados se admitiam racistas, contra os 34% atuais. Isso pode significar que o racismo esteja aumentando mas, também, que as pessoas estejam perdendo o medo de se identificar como racistas.

Vivemos em uma sociedade racista na sua essência. Por conta disso, desde criança, as pessoas negras já sentem que sua vida não será fácil, sendo sua formação de identidade pautada pela branquitude, ou seja, pela identidade racial branca. Fui criado na periferia, em Alvorada, um município da grande Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Meu primeiro episódio de racismo

⁷ Fonte:

<<https://www.poder360.com.br/brasil/81-veem-racismo-no-brasil-mas-so-34-admitem-preconceito-contra-negros/>>, acesso em 11/09/2022

aconteceu quando eu tinha apenas 7 anos de idade, quando, em um armazém próximo de casa, eu estava acariciando o umbigo com a mão por baixo da roupa e fui acusado injustamente de roubo por um segurança do estabelecimento. Sempre faço esse gesto para me acalmar, quando estou nervoso, ou simplesmente para passar o tempo, quando estou sem nada para fazer ou pensando em coisas aleatórias. Nem precisa mencionar que a mãe preta virou uma fera e foi para cima do vigilante para defender sua cria. Ela já sabia o motivo da interpelação mas eu, inocente, ainda não. Notem que eu nem estava fora do meu habitat natural, ou seja, a periferia de maioria negra. Este fato ajuda a perceber uma das estratégias de ação do racismo, onde pessoas negras e de classes sociais menos favorecidas, também podem praticar o racismo mesmo sem ter consciência disso.

Na infância não tinha o hábito da leitura. Não lembro ao certo quando a televisão chegou à minha casa, mas era década de 1970 e tenho lembrança nítida da programação: era composta basicamente por filmes e seriados produzidos nos Estados Unidos da América que traziam sempre pessoas brancas como protagonistas, onde pessoas negras e indígenas eram tratadas como problemas ou muito estereotipadas. Nas novelas, conforme pode ser visto no documentário *A negação do Brasil*⁸, 2001, dirigido por Joel Zito Araújo, que conta a história da trajetória de atores/atrizes negros(as) na teledramaturgia brasileira, pessoas negras apareciam sempre estereotipadas como pobres, empregadas domésticas, *choferes* ou bandidos. Neste tipo de atração, que até hoje lidera a audiência nos televisores dos brasileiros, as pessoas que ocupavam cargos de poder, os grandes empresários e a alta sociedade, sempre são representadas por pessoas brancas. Essa narrativa molda o imaginário do brasileiro. Eu não me reconhecia nos programas de televisão, mas isso parecia normal. Isso demonstra, concordando com Chimamanda Ngozi Adichie, o “quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância”. (ADICHIE, 2019. p. 13).

Passado algum tempo, em 1997, ingressei no serviço público estadual. Lugar que reflete bem a estruturação do racismo, onde, quanto maior o nível de escolaridade exigido, menor a quantidade de trabalhadores(as) negros(as). Em mais de 20 anos de serviço público, em apenas três ocasiões vi pessoas negras ocupando cargos de chefia, entretanto, nenhum deles era tão respeitado pelos colegas quanto os colegas brancos que ocuparam os mesmos cargos. Os lugares

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvNPhyS863o>, acesso em 19/09/2022.

por onde eu circulava eram frequentados majoritariamente pela branquitude, mesmo sendo estes lugares simples. Até em um restaurante na hora do almoço, ao fazer o exercício de percorrer o salão com os olhos, eu percebia a falta de pessoas negras. A esta altura, eu já dava este fenômeno como normal e natural. Era assim porque tinha que ser assim e pronto. Este foi o contexto da formação da minha identidade enquanto homem negro. De certa forma, eu estava “embranquecendo” sem perceber. O racismo estrutural estava cumprindo o seu papel.

Eu sabia que algo estava errado mas uma forte contradição me atravessava, se por um lado havia a consciência de ser visualmente negro e sofrer o racismo, por outro, ao modo do que diz Jurandir Freire Costa, havia a necessidade de “encarnar o corpo e os ideais de ego⁹ do sujeito branco e a recusar negar e anular a presença do corpo negro”. (COSTA, 1992 apud SANTOS, 2021, p. 25).

Apresentei um breve resumo da minha trajetória de vida para demonstrar que a universidade não é diferente. Infelizmente, mesmo com todo esforço das Ações Afirmativas vemos, ainda há a reprodução na sua estrutura e nas suas práticas pedagógicas do que acontece fora dela: nenhum(uma) negro(a) em cargos de comando e, especificamente no curso de Licenciatura em Artes Visuais, poucos(as) artistas negros(as) nas referências bibliográficas e imagéticas.

Durante a graduação cursei 56 disciplinas, ministradas por 42 professores(as), em alguns casos um(a) professor(a) ministrou mais de uma disciplina. Destes, apenas 5 professores(as) eram negros(as). É importante ressaltar que nenhum(uma) destes(destas) profissionais fazia parte do corpo docente do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes (IA/DAV). Nesse sentido, a universidade acaba por ser uma peça da engrenagem racista, na qual nos deparamos com outra parte da estrutura do racismo: o racismo institucional, de acordo com a posição de Almeida:

As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus

⁹ O ideal do Ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a ordem simbólica e a lei que fundamenta esta ordem. O ideal do ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e à ordem. É o lugar do discurso. O ideal do ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural. (Bernardo L. Horstein, Tratado de las ideologías y psicoanálisis, op. cit., p. 24 apud SANTOS, 2021)

componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (ALMEIDA, 2019 p. 47)

Uma consequência importante da falta de profissionais negros(as) no quadro docente da instituição foi sentida por mim quando da escolha da orientação pedagógica para tratar do tema desta pesquisa, onde o primeiro impacto foi o desconforto de falar sobre racismo com a branquitude, entendendo branquitude como

[...] uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (SCHUCMAN, 2014. p. 136)

Não quero dizer que pessoas brancas não podem falar sobre racismo, pelo contrário, devem falar, sobretudo, para compreender seu lugar de privilégio e, a partir daí, pensar seu modo de se posicionar na sociedade, partindo para um posicionamento antirracista. É comum, na universidade, alunos(as) e professores(as) brancos(as) se excluïrem do debate sobre racismo por entenderem que este não é o seu lugar de fala. Nesse sentido, há uma confusão a respeito desse termo ou ele simplesmente é utilizado como a maneira mais fácil para evitar o debate. De acordo com o pensamento de Djamila Ribeiro:

[...] não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre feminist stand point – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. (RIBEIRO, 2020, P. 57).

Assim, todos têm lugar de fala. Para a pessoa branca, é preciso saber que entender o seu lugar de fala é entender o seu lugar de privilégio, já que é a partir deste ponto de vista que ela pode falar sobre o racismo e suas consequências, comparativamente ao que Djamila expõe com relação ao ponto de vista feminista :

A nossa hipótese é que a partir da teoria do ponto de vista feminista, é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2020, p. 59)

Já estava internalizado em mim a impressão de que, ao falar sobre racismo com pessoas brancas, na verdade, o que elas queriam ouvir eram relatos de atos racistas que eu sofri, mas isso não fazia sentido, uma vez que o centro da conversa deveria ser o sistema racista, não eu. Por isso, nas aulas e na vida, sempre que o tema era racismo eu me excluía da conversa, pois a maneira que eles desejavam falar sobre o assunto era desagradável e provocava grande desgaste emocional. Hoje sei que isso ocorria pela falta de informação sobre o tema. Creio que não seja eu o único a passar por isso. No livro Tornar-se Negro (Zahar, 2021), uma das entrevistadas, Luisa, relata a mesma inquietação para a psicanalista Neusa Santos Souza:

Eu fui escolhida para o papel principal – eu era a única negra. Foi uma coisa legal. Não foi um momento de consciência profunda, não era tanta vergonha, era uma coisa menos ruim. Foi a primeira vez que discuti a questão do racismo – sem falar de mim, mas falando do assunto. Foi a primeira vez que usei cabelo afro, também era uma coisa legal (SOUZA, 2011. p. 84)

Na universidade, no Instituto de Artes da UFRGS, ainda se vê presente as regras do racismo estrutural no que diz respeito à apresentação de artistas não brancos como referências relevantes e consistentes, onde poucos artistas negros(as) são apresentados(as) aos(as) estudantes. Isso não é notado logo de início ou, se é, é encarado com naturalidade. No meu caso, foi encarado com naturalidade e a percepção de que havia algo errado, ou seja, a escassez de artistas e autores(as) negros(as) entre as referências apresentadas, só aconteceu no final do curso. O racismo estrutural é cruel, age de forma sorrateira e passa despercebido. A falta de

peças negras, não só nas referências acadêmicas mas, também, nos espaços da universidade e do IA, também foi sentida pela estudante Paula Fernandes Soares, expressada no seu trabalho de conclusão de graduação. Paula percebe que este é o motivo do seu trabalho apresentar pouca diversidade, fazendo com que ela repense sua trajetória como artista e como pessoa para poder melhor representar esses indivíduos excluídos nos seus trabalhos trazendo-as para dentro da universidade e das artes visuais (FERNANDES, 2019).

O início do retorno, ou do encontro com as minhas origens, se deu através de uma artista não-negra enquanto eu cursava a disciplina Fundamentos da Pesquisa em Arte, no semestre letivo 2019/2, ministrada pela Professora Jéssica Araújo Becker. Nessa disciplina conheci a artista paraense Berna Reale (Belém, Pará, 1965), que não é negra, mas sua obra trata, através da performance, da desigualdade social brasileira, o que me atraiu muito. Talvez tenha me aproximado da sua obra primeiramente por ela ser, além de Artista Plástica, Perita Criminal no Estado do Pará, mesma área que atuei aqui no estado do Rio Grande do Sul, sou Fotógrafo Criminalístico, hoje aposentado.



Figura 2: Ginástica da pele, 2019. Berna Reale. fragmento de vídeo
Fonte:
<https://revistatrip.uoi.com.br/trip/berna-reale-apresenta-performance-artistica-e-expor-o-racismo-no-sistema-carcerario-brasileiro>

Na performance Ginástica da Pele, vídeo, 2019, Reale faz uma dura crítica social ao apresentar 100 jovens com idades entre 18 e 29 anos¹⁰, todos moradores de periferia, que realizam movimentos de treinamento militar. Entretanto, ao seu comando, os movimentos feitos são aqueles aos quais os jovens são obrigados a fazer quando abordados pela polícia. Abordagens estas que podem ser por vários motivos, podendo ser por causa do seu tom de pele, de uma tatuagem ou pelo modo como se vestem. Os tons de pele dos jovens que participam da performance também representam um índice prisional. Neste caso, à época da realização da performance, 66,89%¹¹ da população

¹⁰ Este recorte representa a faixa etária majoritária na população carcerária brasileira que, de acordo com o SISDEPEN, entre julho e dezembro de 2019 era de 44,82%. Fonte: População Prisional por faixa etária. Período de julho a dezembro de 2021. Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMDUzMjczMzUtOWE1OS00YjM1LWJhM2ItYWVhODdlYmNjZjhlIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9&pageName=RportSectionb520cc726db6179d4e81>>, p. 6. Acesso em 18/09/2022.

¹¹ Fonte:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMDUzMjczMzUtOWE1OS00YjM1LWJhM2ItYWVhODdlYmNjZjhlIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9&pageName=RportSectionb520cc726db6179d4e81>>

carcerária no Brasil era catalogada como pretos e pardos. Todos os participantes da ação foram remunerados por seus trabalhos.

Assim, esses jovens representam, ao mesmo tempo, o agente opressor, neste caso o Estado através dos movimentos militares, e o oprimido, ou seja, eles mesmos. Há a necessidade de compreender que, em uma performance, não é a artista que está praticando a ação, mas, sim, aquilo que ela representa, ou seja, o Estado que oprime. Uma das interpretações de *Ginástica da pele* é que este trabalho expressa, de certa forma, as consequências do racismo estrutural que, primeiramente, priva jovens negros da educação e do trabalho, posteriormente, priva sua liberdade, como consequência do seu ingresso na criminalidade, justamente pela falta de acesso à educação e ao trabalho. *Berna* torna visível um índice desconhecido pela maioria das pessoas e me faz recordar as inúmeras vezes que, enquanto ainda jovem, eu fazia esses movimentos de colocar as mãos na cabeça e ajoelhar a partir de uma ordem policial apenas por estar circulando nas ruas da periferia.

Pode parecer contraditório em um trabalho que versa sobre representatividade negra como referências nas práticas pedagógicas artísticas da universidade trazer como primeira referência uma artista não-negra. Mas foi a partir da obra *Ginástica da pele*, combinada com outras obras de artistas negras, que também questionavam sobre a presença e o corpo negro, que desenvolvi uma série de *Objetos Propositores* e atividades pedagógicas que descreverei mais adiante.

Deste modo, aos poucos, fui retornando às minhas origens, fui ao encontro da minha identidade de homem negro. Fui percebendo coisas antes não vistas, fui empretecendo o pensamento, por que “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SANTOS, 2021, p. 115)

CAPÍTULO 2. Da escola à universidade: práticas de educação antirracista

“Encontrei minhas origens
[...]em doces palavras
...cantos,
em furiosos tambores ... ritos”
(Oliveira Silveira)

Meu primeiro contato com aquilo que pode ser considerado educação, foi através de uma escola não formal que utilizava como metodologia o que chamo de Pedagogia de Galinheiro, assim carinhosamente denominada por mim porque ela funcionava em um galinheiro localizado nos fundos do quintal onde eu morava. O idealizador da escola-galinheiro foi uma criança mais velha já alfabetizada, José dos Santos Rodrigues, o Zé da Xatuca, como era conhecido por todos. Neste tipo de pedagogia, as crianças mais velhas reuniam as crianças mais jovens para ensiná-las de tudo um pouco. Cada criança levava algum tipo de alimento para partilhar com as outras enquanto brincava de aprender. Mais que aprender a ler e escrever, aprendemos a viver juntos, a compartilhar coisas e ideias. Ali, na escola-galinheiro, as relações eram horizontais. Não havia diferença entre quem ensinava e quem aprendia. Na verdade, ninguém ensinava ninguém, mas, ao mesmo tempo, todos aprendiam com todos. Naquele lugar ainda não havia diferenciação por causa dos tons de pele, gênero ou idade. Isso nem era notado, na verdade. Não percebemos, mas estávamos brincando de aprender, ensinar e desenvolvendo a nossa criatividade. Estávamos, de certo modo, praticando uma pedagogia ancestral, a pedagogia de terreiro, na qual o conhecimento é compartilhado entre os mais velhos e os mais jovens.

As crianças são ensinadas no Candomblé mediante a observação, ainda que a aprendizagem não se dê apenas a partir disso, uma vez que, como já se mencionou, a brincadeira possui uma centralidade no processo de aprendizagem das crianças no terreiro. Ainda que não seja ensinado “como brincar”, portanto, a aprendizagem é, por excelência, um processo criativo (OLIVEIRA; ALMIRANTE, 2014, p. 151. APUD. MACEDO, Et al, 2019. p. 16).

Assim foi o início da construção da minha identidade como educador, pautada na igualdade, na solidariedade e no afeto, acreditando que o(a)

educador(a) deve ser um(uma) escultor(a) de sujeitos e de sonhos.

Entretanto, ao ingressar na escola formal, a magia e o encantamento da escola-galinheiro foram substituídos por formalidades antes não vistas. Não perdi o gosto e o prazer por aprender e ensinar, mas outras referências foram sendo adquiridas, algumas se sobrepondo àquelas da infância. Aos poucos, fui contaminado pelas histórias que via na televisão ou, em alguns casos, pelos próprios livros escolares.

Com o tempo, nós, negros(as) começamos a perceber que não somos iguais, que a nossa cor de pele nos faz diferentes. Como consequência, nos percebemos como inferiores porque, nestas histórias contadas nos livros e nos filmes, só um lado era o vencedor. Sempre! E esse lado não era o nosso, conforme Adichie nos explica:

É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna. [...] O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. O poeta palestino Mourid Barghouti escreveu que, se você quiser espoliar um povo, a maneira mais simples é contar a história dele e começar com “em segundo lugar.” (ADICHIE, 2019. p. 22-23)

Aos poucos, a epistemologia criada na escola-galinheiro vai sendo apagada. Epistemicídio foi o termo usado por Boaventura Sousa Santos para descrever o apagamento desses saberes, conhecimentos, enfim, da cultura de um povo subalternizado, no nosso caso, o povo negro. Para Santos:

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno

quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995, p. 328).

Sueli Carneiro vai além. Ela visualiza uma projeção do epistemicídio até o ambiente educacional, quando afirma que a falta de acesso à educação provoca um rebaixamento da auto-estima dos povos dominados pela deslegitimação, ou inferiorização da sua capacidade intelectual e cognitiva. Para ela,

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005. p. 97)

A falta de acesso à educação pode ser um dos fatores que provocam, direta ou indiretamente, o aumento da violência e, conseqüentemente, o encarceramento em massa, principalmente de jovens negros que, coincidência ou não, fazem parte do maior contingente nos presídios brasileiros. Dados do INFOPEN¹², afirmam que 51,3% das pessoas privadas de liberdade no sistema

¹² Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Dados de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/depen/pt-br/servicos/sisdepen/mais-informacoes/relatorios-infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017.pdf>> Acesso em 27/09/2022

prisonal possuem apenas o ensino fundamental incompleto, 14,9% possuem o ensino médio incompleto. Conforme o grau de escolaridade aumenta, vai diminuindo a sua representação nos presídios e só 0,5% dos presos possuem ensino superior completo.

Na intenção de reverter o quadro de desvalorização da autoestima e da identidade negra, os movimentos sociais e o movimento negro têm dedicado esforços para a melhora educacional do povo negro. Concordamos sobremaneira com Nilma Lino Gomes, no que diz respeito à educação ser o alicerce para a ascensão social do povo negro. Acreditamos que a educação seja o meio mais rápido de tornar uma sociedade mais igualitária. De acordo com Gomes:

A educação tem merecido atenção especial das entidades negras ao longo da sua trajetória. Ela é compreendida pelo movimento negro como um direito paulatinamente conquistado por aqueles que lutam pela democracia, como uma possibilidade a mais de ascensão social, como aposta na produção de conhecimentos que valorizem o diálogo entre os diferentes sujeitos sociais e suas culturas e como espaço de formação de cidadãos que se posicionem contra toda e qualquer forma de discriminação (GOMES, 2012. p. 735).

Nesse sentido, algumas iniciativas foram muito importantes pelo resultado prático. Um exemplo é o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado por Abdias do Nascimento¹³, cuja atuação se deu entre 1944 e 1968. Em uma das suas frentes de atuação, o TEN recrutava moradores das favelas, operários, empregadas domésticas, enfim, um grupo de pessoas marginalizadas para modificar suas atitudes através da alfabetização e da educação. Gomes nos conta:

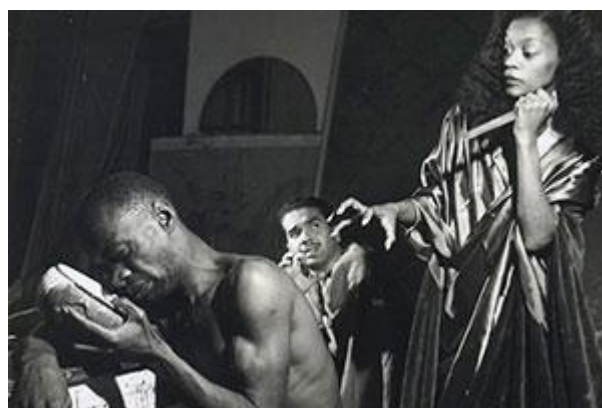


Figura 3: Teatro Experimental do Negro. Foto: José Medeiros
https://www.palmares.gov.br/?attachment_id=40417

¹³ Abdias do Nascimento: (1914-2011) foi ator, diretor, dramaturgo, ativista e professor universitário. Criador do Teatro Experimental do Negro, em 1948, foi um dos pioneiros na luta pela valorização da cultura afro-brasileira. Preso durante o Estado Novo, foi obrigado a exilar-se durante a ditadura militar.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) (1944-1968) nasceu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na sua expressão brasileira. O TEN alfabetizava seus primeiros participantes, recrutados entre operários, empregados domésticos, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos, e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a indagar o espaço ocupado pela população negra no contexto nacional (GOMES, 2017. p.30)

Mais do que uma forma de dar dignidade ao povo negro, esta iniciativa também teve a finalidade de dar voz a esta parcela marginalizada da população, se considerarmos que até 1985, ano da promulgação da emenda Constitucional nº 25¹⁴ na Constituição Federal de 1967, pessoas como a minha mãe, mulher negra, analfabeta, não tinham o direito de escolher seus representantes através do voto.

Dentre outras conquistas no que diz respeito à educação do povo negro, a Lei 10639/2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, vem para modificar paradigmas, apesar de sua execução muitas vezes ser de forma não eficaz. Posteriormente a lei foi alterada pela Lei 11645/2008, que acrescentou a cultura indígena.

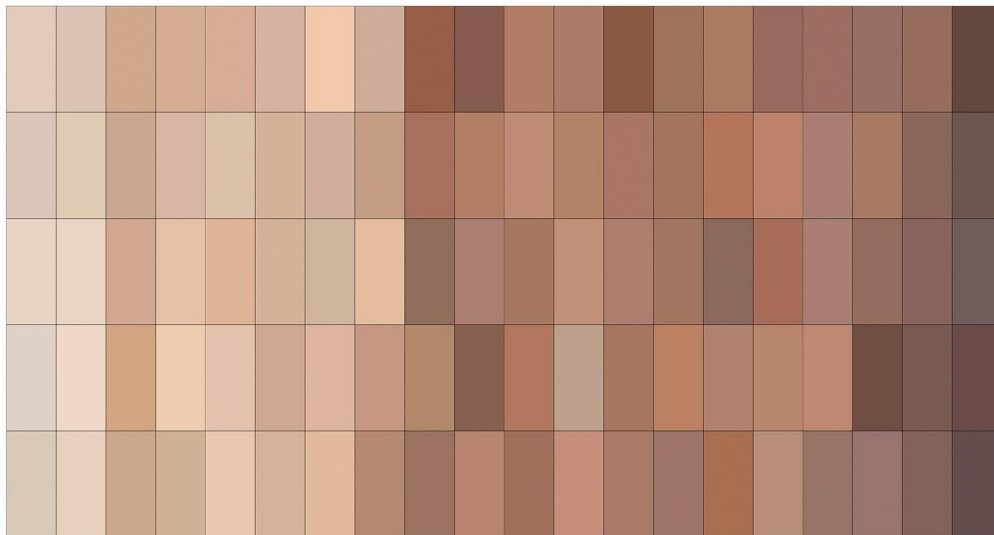
Entretanto, na maioria das vezes, as escolas acabam incumbindo apenas professores(as) negros(as) da tarefa de desenvolver atividades com conteúdos antirracistas, quando na verdade todo o corpo docente deveria elaborar suas atividades pautadas nas relações étnico-raciais de forma contínua. Também acontece das escolas incluírem na programação curricular a discussão étnico-racial apenas no dia 20 de novembro, data em que comemoramos o Dia Nacional da Consciência Negra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva nos alerta para esta situação em parecer incluído nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER), quando diz que a EREER deve ser praticada por brancos e negros.

¹⁴ Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Emenda constitucional de 1985 garantiu o voto dos analfabetos. Disponível em <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Novembro/constituicao-de-1985-garantiu-o-direito-ao-voto-aos-eleitores-analfabetos>>. Acesso em 20/09/2022.

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime.(SILVA, 2004. p.14).

Realizei uma pesquisa junto à comunidade acadêmica e a maioria dos(das) estudantes, 56% dos(das) entrevistados(as), desconhecem ambas as leis ou desconhecem seus teores. Por regerem as relações étnico-raciais na educação, o teor destas leis deveria ser abordado de forma transversal durante toda a vida escolar do(a) estudante, principalmente nos cursos superiores de licenciatura. Nesse sentido, considero interessante a Universidade iniciar discussões para que a disciplina EDU03017 - Educação e Relações Étnico-raciais, se torne obrigatória para todas as licenciaturas, uma vez que esta disciplina fornece suporte teórico-prático para que o licenciando se sinta seguro em aplicar a educação antirracista para seus futuros alunos(as).

2.1. Objetos Propositores Poéticos



Cartela de cores extraída da obra Ginástica da pele, 2019.
Artista referência: Berna Reale, Belém do Pará, 1965.
Perfil padrão de cores: CMYK

Referência: <https://www.sp-arte.com/obras/ginastica-da-pele-07-8185/>

Figura 4: Cartela de cores do sistema prisional brasileiro, 2020. Fonte: o autor

Para promover a educação antirracista e incentivar a conscientização de que a educação é o melhor instrumento para a emancipação do sujeito, desenvolvi alguns Objetos Propositores Poéticos (OPP) e uma série de atividades pedagógicas que fomentam a discussão sobre o racismo estrutural, suas consequências para a sociedade e a representatividade negra nas práticas pedagógicas. Neste capítulo, descreveremos apenas os OPP Cubos Base e Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro, bem como as atividades propostas a partir da utilização destes objetos. Outras atividades pedagógicas serão descritas no capítulo seguinte e nos APÊNDICES.

A criação dos OPP Cubos Base e Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro se deu na disciplina Laboratório de Construção de Material Didático, ministrada pela professora Andrea Hofstaetter, no semestre letivo de 2020/1. O objetivo era iniciar a prática da educação lúdica na sala de aula, com a criação de Objetos de Aprendizagem Poéticos (OAP). Estes objetos são especialmente pensados para reinventar e construir conhecimento que continua a se transformar. Devem ser, por esse motivo, objetos que provoquem novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos, que provoquem eventos¹⁵.

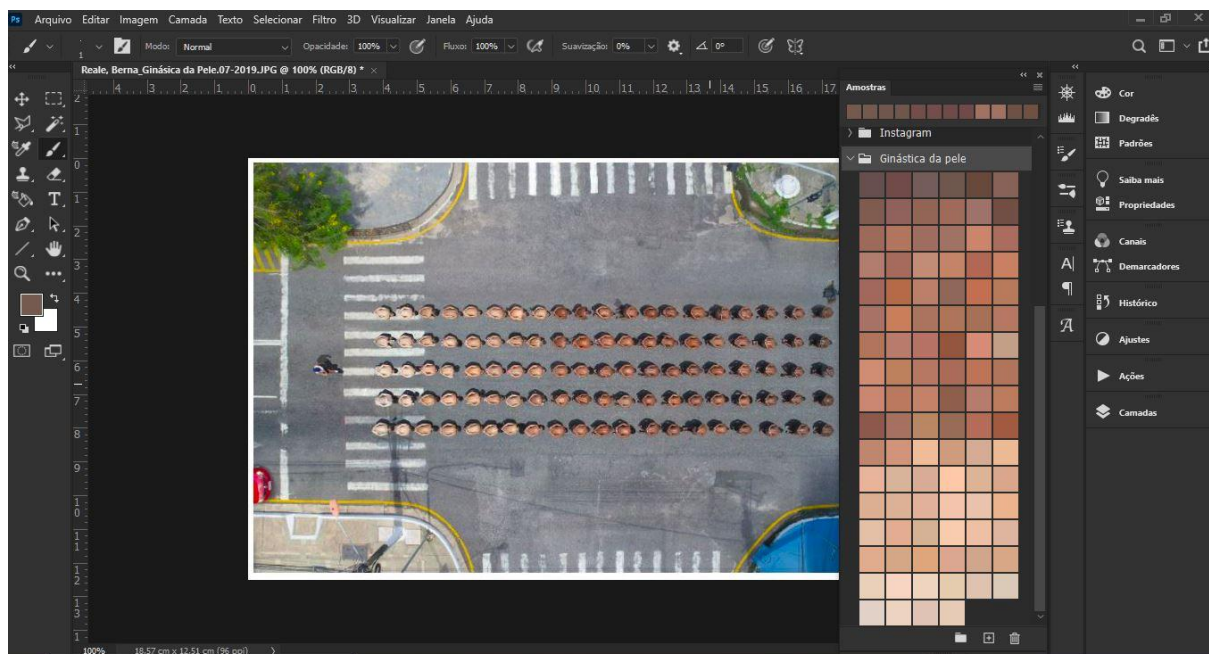


Figura 5: Criação da cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro no Adobe Photoshop®, a partir da performance Ginástica da Pele, 2019, de Berna Reale.

¹⁵Fonte: <http://www.estagiodeartista.pro.br/artedu/OAP_oficina/1/1_oaps.htm>

Para criar o OPP Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro, utilizei o software de edição de imagens Adobe Photoshop®, no qual retirei uma amostra das cores de pele de cada participante da performance “Ginástica da pele”, 2019 (Figura 5), da artista Berna Reale (Belém, Pará, 1965). As 100 cores coletadas formam uma paleta de cores com referência no catálogo de cores Pantone® + CMYK. As cores foram extraídas considerando a parte do corpo dos atores da performance que estava mais exposta ao sol, evitando, assim, possíveis distorções de luminosidade provocadas pela sombra.

O OPP Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro é aberto a inúmeras utilizações, podendo ser utilizado não apenas nas aulas de artes visuais, mas entrecruzando outras áreas do conhecimento. Seus objetivos são refletir e discutir a desigualdade social provocada a partir da cor da pele, compreendendo os porquês da cartela ser composta pelas cores presentes nela. A proposta traz como referências os trabalhos de Berna Reale (Belém, Pará, 1965), “Ginástica da pele”, 2019, e Angélica Dass (Rio de Janeiro, RJ, 1979), “Humanae”, 2012, (Figura 6).

Como já foi dito anteriormente, Berna Reale não se enquadra no perfil étnico-racial de artistas que focamos neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), entretanto, sua obra é indispensável quando falamos das consequências do racismo para a população negra e da desigualdade social no Brasil. A utilização dos trabalhos das duas artistas, Reale e Dass, como referências, acontece por que eles se complementam.

A importância de Humanae (2012) reside no modo como a artista promove a igualdade racial. Apesar de ser negra e sofrer as consequências do racismo, Dass quer demonstrar que somos todos iguais dentro da diversidade de cores de pele existentes, indo além do branco, preto, amarelo e vermelho que pregam os livros escolares. Reale, por outro lado, ao compartilhar a performance com jovens que representam a população carcerária brasileira demonstra que, sim, somos todos seres humanos, mas a minha cor de pele me



Figura 6: Humanae, 2012. Angélica Dass. Fonte: <https://angelicadass.com/photography/humanae/>

coloca em determinada posição social. Deste modo, a obra de Reale serve para evitar que caiamos no mito da democracia racial.

[...] uma construção social produzida nas plagas brasileiras. Através da narrativa do mito, que é extremamente conservadora - porém transfigurada em discurso democrático -, a igualdade das raças é destacada. Trata-se, no entanto, de uma falsa igualdade, pois ela se baseia no apagamento e na homogeneização das diferenças. A democracia racial fala de uma diferença homogeneizadora e inferiorizante, vista como "cadinho racial", como forma "híbrida" de cultura, como "fusão racial" que acaba por cristalizar, naturalizar e subalternizar as diferenças, os grupos étnico-raciais e a sua história (GOMES, 2007).

Outro material desenvolvido na disciplina Laboratório de Criação de Materiais Didáticos, foi o OPP Cubos Base (Figura 7), um conjunto contendo 20 cubos com as dimensões de 5cm x 5cm x 5cm. Cada cubo possui 5 faces coloridas com uma cor do OPP Catálogo de Cores do Sistema Prisional Brasileiro e uma face em branco. É um complemento à Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro, e sua utilização será descrita adiante.

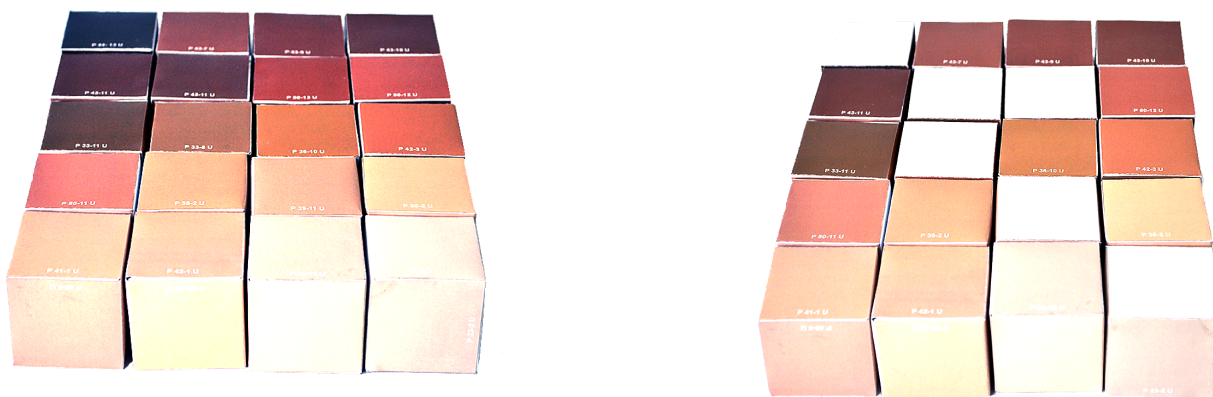


Figura 7: OPP Cubos base, 2020. Fonte: o autor

2.2. Educando para o futuro: a educação como meio de transformação social.



Figura 8: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Foto: arquivo pessoal

Os OPP Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro e Cubos Base, foram desenvolvidos durante a pandemia de COVID 19, momento em que todas as escolas e a universidade estavam atuando no modo de ensino remoto, à distância. Por isso, só foi possível a aplicação das atividades que utilizam estes objetos quase dois anos após as suas criações. A atividade, agora denominada Educando para o futuro: a educação como meio de transformação social (Figura 8), tem por objetivos criar a cartela de cores escolar tendo como referência as cores de pele dos(das) estudantes, para que esta tome o lugar de outra cor na Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro, utilizando tintas com pigmentos nas cores CMYK (ciano, magenta, amarelo e preto); provocar conversa sobre o racismo estrutural e suas consequências para a sociedade; valorizar a educação como dispositivo de ascensão social. Na atividade, cada estudante produzirá uma tinta tendo como referência a sua cor de pele a partir da mistura de tintas nas cores ciano, magenta, amarelo e preto, havendo a possibilidade de usar a cor branca. Ao final da atividade, cada estudante pintará, com a sua cor de pele, a parte branca de um Cubo Base. Deste modo, para visualizar as cores pintadas por eles(elas), uma cor da Cartela de cores do Sistema Prisional Brasileiro que está no Cubo Base deverá ser escondida, demonstrando, simbolicamente, que a educação faz diminuir a população carcerária.

Primeiramente, apresentamos a atividade em uma aula experimental na disciplina Laboratório de Construção de Material Didático a convite da professora Andrea Hofstaetter, no semestre letivo 2022/1 (figuras 9 e 10). Esta apresentação faz parte de um ciclo de palestras onde ex-alunos(as) da disciplina demonstram seus materiais para novos(as) estudantes.

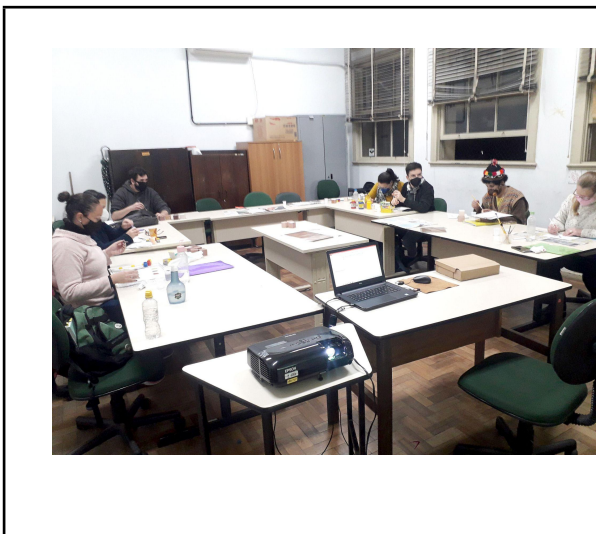


Figura 9: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor



Figura 10: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor

Por fim, fizemos uma atividade prática para a criação das tintas cor de pele (figuras 11 a 14)

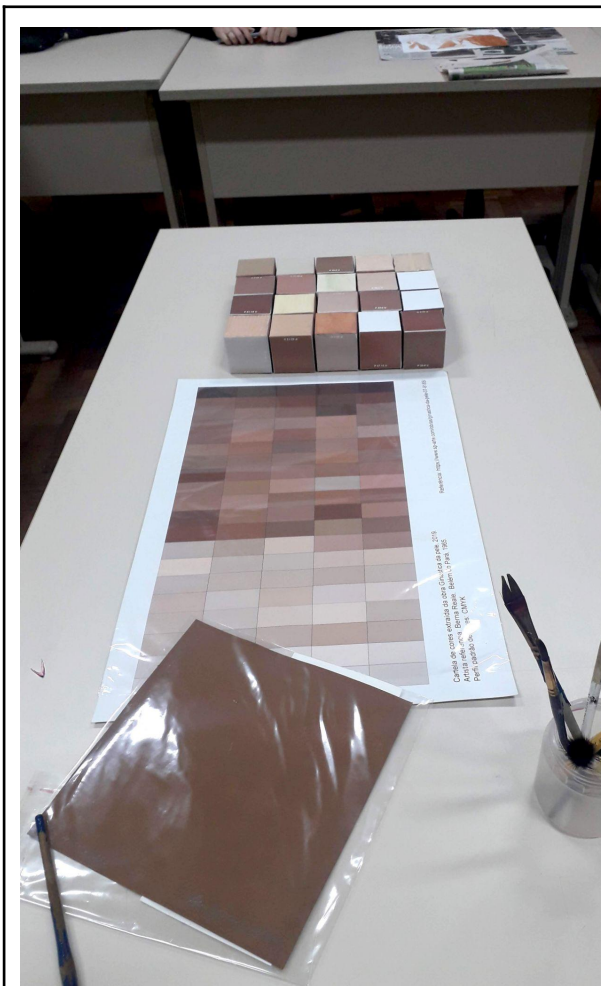


Figura 11: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor

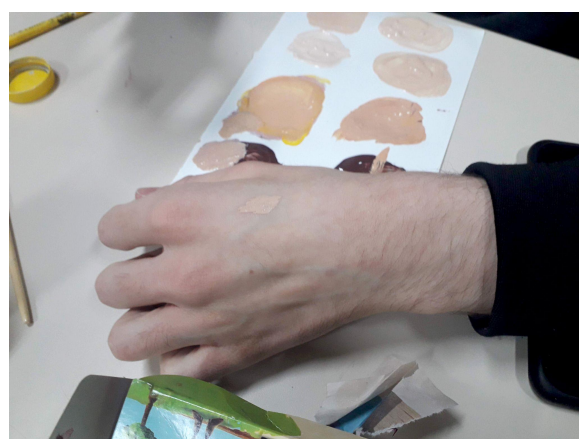


Figura 12: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor



Figura 13: Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor



Figura 14: Resultado das pinturas nos Cubos base. Aula experimental na disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1. Fonte: o autor

Esta foi a primeira vez que elaborei uma aula com temática antirracista. Conter o nervosismo e a emoção não foi tarefa fácil diante de estudantes que, na verdade, são colegas de aula e, em breve, de profissão. O resultado foi uma aula surpreendente onde os(as) estudantes demonstraram engajamento e avaliaram as possibilidades de aplicação do material. Importante salientar que a maioria dos(das) estudantes não era negra, o que deixa a atividade ainda mais significativa, uma vez que a EREER propõe que o aprendizado pautado nas relações étnico-raciais seja compartilhado entre brancos e negros. Mais adiante, obtive o retorno de alguns(umas) estudantes e da professora Andrea Hofstaetter a respeito da atividade, que consideraram a atividade como importante tanto para tornar a discussão sobre racismo mais fluida, mais leve, quanto para levar novas referências artísticas para a sala de aula, conforme os depoimentos que seguem:

“Foi uma experiência muito participativa e instigante. Envolveu a turma e proporcionou conhecimento sobre referenciais artísticos e reflexões sobre questões raciais e a importância de abordar discussões anti-racismo nas aulas de artes visuais e na escola, como um todo. Também foi importante para a turma ter contato com o material elaborado, físico e digital, no sentido de ser um material que também é uma proposta artística/poética.”
(Professora Andrea Hofstaetter)

"Atividade maravilhosa, informativa, interessante, divertida, ótima para sugestão de aplicação em sala de aula." (Estudante Vivycklei)

“Um material que gera, que propõe, que dialoga com diversas pautas próximas aos alunos. Achei incrível como de todas as formas é propositiva e reflexiva, se desdobrando em assuntos importantes de estarem sendo debatidos na escola e em todos os ambientes de possível aplicação.” (Estudante Esthella Castro)

A importância da atividade como conscientização antirracista foi confirmada na prática ao ministrar uma aula em forma de oficina, cujo título era: Cubos base e Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro: objetos propositores para uma educação antirracista, no Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, em Alvorada (figura 15). O centro atende crianças em idade escolar no turno inverso à escola. A oficina foi ministrada na turma G3, frequentada por crianças com idades entre 12 a 15 anos de idade, a convite da professora da escola e aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS, Talia Prates da Luz.



Figura 15: Oficina no Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, Alvorada, 2022. Autora: Kathleen Paz

O ambiente era muito descontraído e as crianças ficaram bastante interessadas tanto na conversa sobre racismo estrutural, quanto na atividade prática de criação das cores de pele. Desde cedo elas sabem que são inseridas em determinada posição social em decorrência da sua cor de pele. Apesar de falarem pouco, percebi que era porque estavam prestando atenção nas informações que passava. Algumas crianças negras relataram situações cotidianas de racismo sofrido. Houve o caso de um estudante que disse sofrer racismo dos colegas, por eles porque o chamam de “alemão”. Provocamos uma conversa com a turma sobre o que seria o racismo reverso e os motivos pelos quais seria impossível ele existir. Silvio de Almeida nos explica:

O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a

discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. Por isso, é absolutamente sem sentido a ideia de **racismo reverso**. O racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias (ALMEIDA, 2019. p 52-53).

Uma curiosidade a respeito do Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos é que ele funciona no mesmo local onde, na minha infância, nos encontrávamos para jogar futebol. Crianças, jovens e adultos compartilhavam conhecimentos através do esporte e, agora, retorno como Arte Educador para trocar conhecimento com outras crianças. Ao receber um abraço de agradecimento de uma das crianças, as vivências da escola-galinheiro e do campinho de futebol retornam ressignificadas. Agora, aquela criança que frequentou a escola-galinheiro, consegue transmitir conhecimento utilizando metodologias adequadas adquiridas na Universidade, aliadas ao afeto, o que torna o ensino-aprendizagem mais significativo e mais potente.

Do mesmo modo que ocorreu na apresentação na disciplina Laboratório de Construção de Material Didático, cada criança criou uma tinta com a sua cor de pele e, no final, pintou o lado branco do Cubo Base (figuras 16 e 17), fazendo com que as cores da Cartela de Cores do Sistema Prisional Brasileiro desaparecessem (figura 18).



Figura 16: Oficina no Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, Alvorada, 2022. Pintura do Cubo Base com a cor da pele. Fonte: o autor



Figura 17: Oficina no Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, Alvorada, 2022. Teste de cor da pele. Fonte: o autor



Figura 18: Oficina no Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, Alvorada, 2022. Cubos base pintados com as cores da pele dos(as) estudantes. Fotografia: Kathleen Paz

CAPÍTULO 3. Representatividade negra nas práticas artísticas

Encontrei minhas origens
[...]em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei
(Oliveira Silveira)

Conforme se percebe na construção deste trabalho, minhas origens não estavam na universidade. As referências artísticas apresentadas pela maioria dos(das) professores(as) e estudantes, pouco, ou quase nunca, as representavam. Não se perceber representado entre as referências relevantes, naturaliza a posição de subalternidade, faz com que o homem negro ou a mulher negra se coloque, naturalmente, de acordo com o pensamento de Kilomba (2019), na posição do(a) Outro(a), como o(a) menos importante, o “antagonista do eu”.

Ao notar que não havia representatividade negra nas práticas pedagógicas e nas referências, tanto artísticas quanto teóricas do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS, fui impelido a procurá-la em outros espaços, via de regra, eventos realizados exclusivamente para promover artistas negros e negras, sendo o maior deles a exposição Presença Negra no MARGS, que teve a curadoria de Igor Simões e Izis Abreu, e como curadora-assistente Caroline Ferreira. A exposição aconteceu no período entre 14 de maio e 21 de agosto de 2022, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS).

A falta de representatividade negra também foi mencionada pela estudante do curso de Bacharelado em Artes Visuais, Pâmela Zorn Vianna (2021), em seu Trabalho de Conclusão de Curso. Vianna foi estagiária na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes (PBSA/IA), na Galeria Duque e no Núcleo Educativo e de Programa Público do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). Além disso, ela também notou a representação estereotipada das pessoas negras nas imagens dos acervos.

Foi feita uma consulta com o título “Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte.” Entre os dias 20 de setembro de 2022 e 05 de outubro de 2022. 35 pessoas, sendo 25 estudantes e 10 professores(as) responderam, através de formulário criado na plataforma Google Forms, perguntas a respeito da presença de referências negras

nas atividades pedagógicas que participavam. Os(as) estudantes que responderam estavam matriculados nos cursos: Ensino médio (1), Ensino Superior em Artes Visuais Licenciatura (6), Ensino Superior em Artes Visuais Bacharelado (8), Ensino Superior em Teatro Licenciatura (1), Ensino Superior em Teatro Bacharelado (1), Ensino Superior História da Arte (3), Ensino Superior Museologia (2) e Mestrado (3). Já os(as) professores(as), lecionavam para o Ensino Fundamental (6), Ensino Médio (3) e Doutorado (1). O formulário foi divulgado através de grupos de redes sociais e, também, enviado individualmente para estudantes e professores(as) conhecidos(as) do Instituto de Artes. Quando perguntado aos(às) estudantes sobre a presença negra nas referências apresentadas por professores(as), fica claro que poucos(as) apresentam artistas negros(as) como referência para seus(suas) alunos(as) (figura 19). O que pode ser motivado pelo desconhecimento ou por falta de interesse.

Nas práticas pedagógicas artísticas, seus professores apresentam artistas negros/negras como referência?

25 respostas

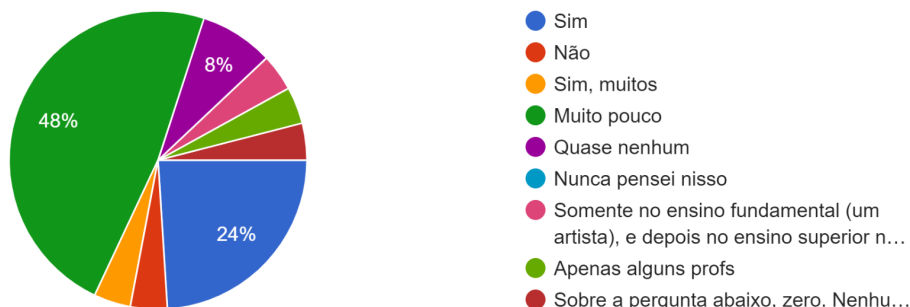


Figura 19: Gráfico de respostas da pesquisa Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte. Respostas dos estudantes.

Fonte: o autor

Em contrapartida, a imensa maioria, 90%, dos(das) professores(as) responderam que apresentam artistas negros e negras para os seus alunos(as) (figura 20). Os professores lecionam nos ensinos fundamental e médio e para o doutorado. Considero este um fato positivo, pois pode significar uma possível mudança de paradigma na escola e seus processos educativos, concordando com Francione Carvalho, no artigo A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil e reverberações na formação docente em artes visuais, ela nos diz: “Os

processos educativos precisam problematizar as representações e os imaginários culturais, percebendo como eles operam e influenciam no cotidiano das escolas, nas aulas de artes e na formação docente.”(CARVALHO, 2019, p. 110), ou seja, para um(uma) professor(a) formado(a) em condições deficitárias quanto ao ensino-aprendizagem das relações étnico-raciais, será muito difícil superar este problema no futuro.

Você apresenta, para os(as) estudantes, artistas negros/negras como referência teórica ou imagética?
10 respostas

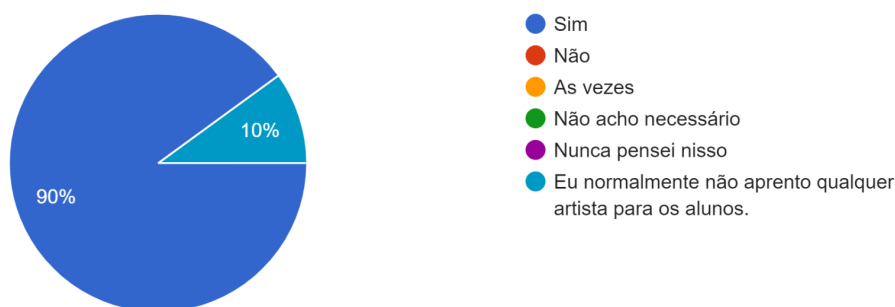


Figura 20: Gráfico de respostas da pesquisa Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte. Respostas dos(das) professores(as). Fonte: o autor.

Mas afinal, o que é esta tal de representatividade? Por que ela é tão importante para nós, negros e negras? Primeiramente, me apego à definição dada por Silvio Almeida:

Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia. (ALMEIDA, 2019. p. 109).

Neste trabalho, procuro tratar por representatividade não só o fato de estar presente, mas, também, de ser visto, trazendo um velho dito popular,

frequentemente pronunciado pela minha mãe: "Quem não é visto, não é lembrado." Talvez aquela pequena parcela, mas relevante, de estudantes que responderam à pesquisa com a alternativa "nunca pensei nisso", quando questionados se pesquisam artistas negros ou negras para apresentar como referências teóricas ou imagéticas nos seus trabalhos acadêmicos passassem a pensar, caso tivessem tido o acesso a este grupo de artistas na universidade (figura 21).

Na apresentação de trabalhos relacionados a arte, você pesquisa artistas negros/negras para apresentar como referência teórica ou imagética?

25 respostas

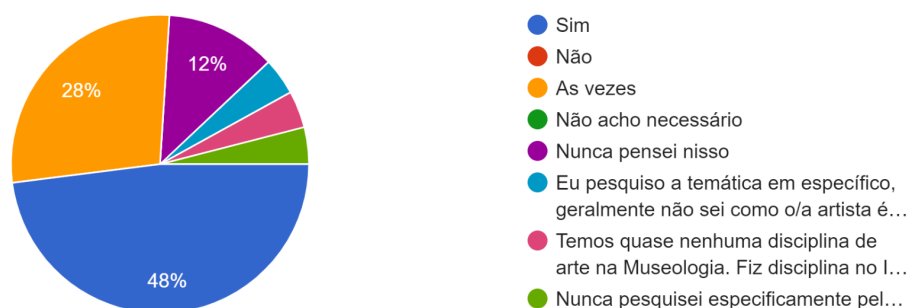


Figura 21: Gráfico de respostas da pesquisa Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte. Respostas dos(das) estudantes. Fonte: o autor.

Pensando em representatividade e trazendo outro artista negro não referenciado nas práticas artísticas do Instituto de Artes, criei, no Estágio Obrigatório II: Docência em Artes no Ensino Fundamental (semestre letivo 2021/1), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Luciana Gruppelli Loponte, a atividade "A boa aparência: presenças e ausências", inspirada na série de fotografias do fotógrafo mineiro Eustáquio Neves (Juatuba, Minas Gerais, 1955). A série A boa aparência (1999) (figura 22), surgiu quando Neves pesquisava em periódicos antigos, do século XVIII, e se deparou

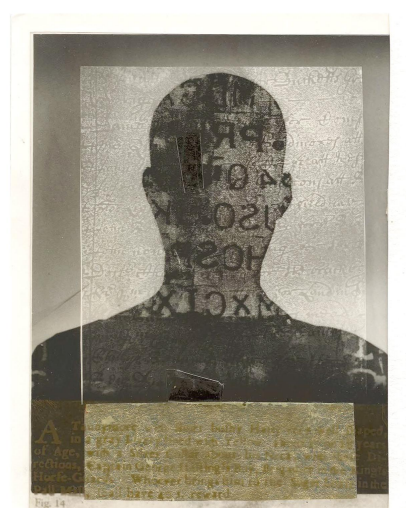


Figura 22: Da série A boa aparência. Eustáquio Neves, 1999. Revista Zum <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/>

com inúmeros anúncios de procura de escravizados que fugiram. Em quase todos

os anúncios havia, na descrição do procurado, a sentença “é um negro de boa aparência”. Então, o fotógrafo confronta estes textos com anúncios de empregos nas seções de classificados de jornais contemporâneos que, via de regra, já eliminava candidatos(as) negros(as).

A boa aparência: presenças e ausências, consiste numa atividade pedagógica relativamente simples: digitar no Google, ou em outro mecanismo de pesquisa na internet, a expressão “boa aparência” e analisar o resultado (figura 23).

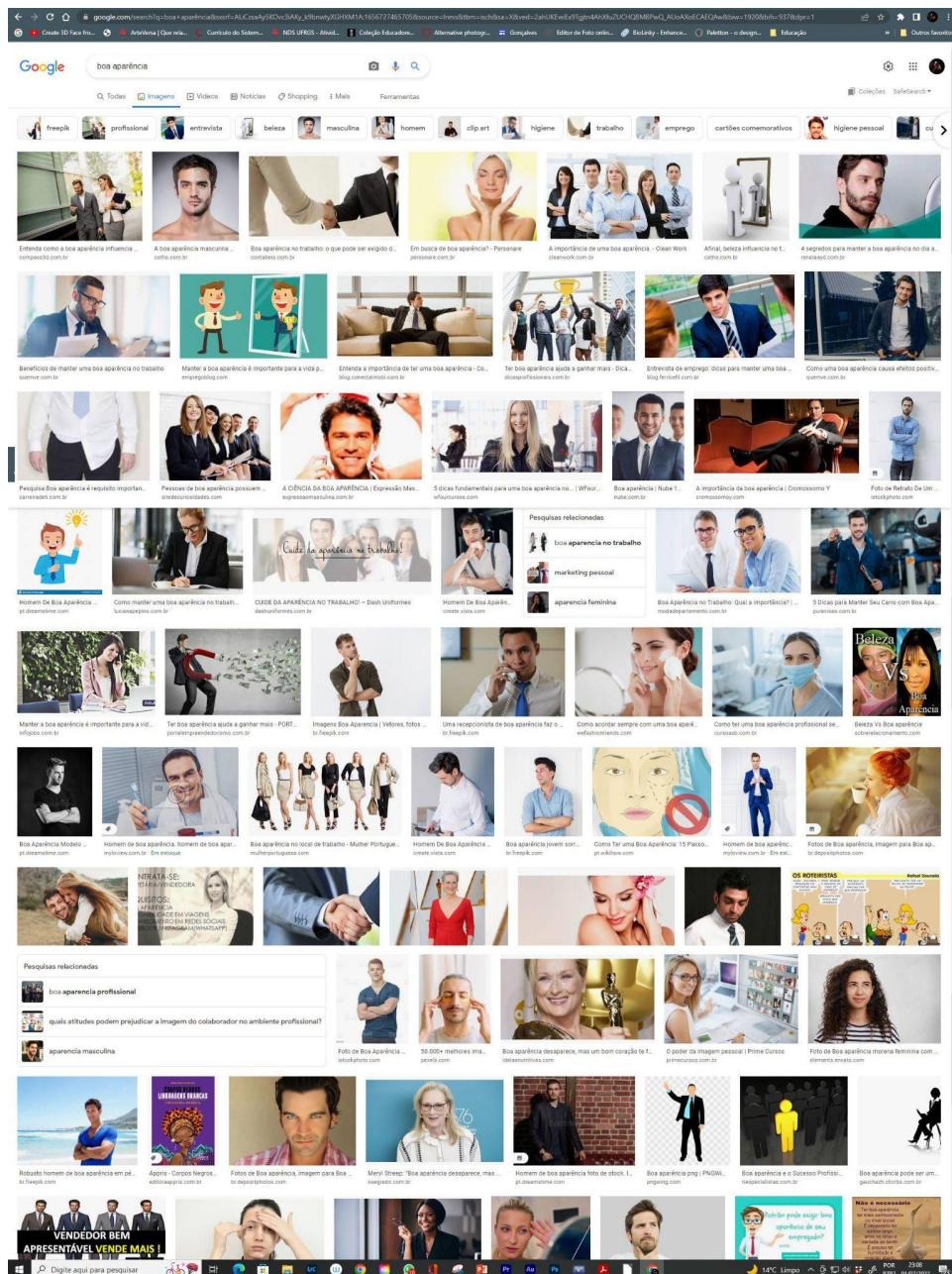


Figura 23: Resultado da pesquisa do termo “boa aparência” no Google. Fonte: o autor

O objetivo desta atividade é analisar imagens vinculadas à beleza e à boa aparência resultantes da pesquisa na internet, provocando conversas sobre racismo estrutural e representatividade.



Figura 24: Atividade de pesquisa da expressão boa aparência. Fonte: Instagram do autor

A primeira aplicação da atividade se deu através da rede social Instagram¹⁶, em postagem convidando pessoas a realizarem a pesquisa e compartilhar o resultado (figura 24). Quando criei a atividade pedagógica, estava focado e fechado em um público alvo. Consciente ou não, criei algum tipo de expectativa. Nesse caso, como estou atravessado por questões raciais por causa da pesquisa para este TCC, eu observava apenas que não havia pessoas negras no resultado. Entretanto, ao ler algumas respostas, percebi que a atividade Boa aparência:

presenças e ausências, provoca muito mais discussões além das raciais, adquirindo importância não prevista. Ela problematiza, também, as relações de consumo, relações de trabalho, relações humanas e faz perceber que ainda há muita luta pela frente para que todos os tipos de preconceito sejam vencidos. A seguir, algumas respostas ao questionamento:

“Incrível e importante trabalho!” (viviskley)

“Tem empregos, por exemplo, que exigem que a mulher esteja sempre com maquiagem, unhas pintadas, penteado de cabelo, essas de atendimento ao público. No público também existe os que têm preconceitos e por serem clientes são por vezes abusivos. (...) Nos currículos para vaga de emprego colocamos nossa foto 3x4. Existem empregos que selecionam devido a "boa aparência" em uma sociedade em que ainda existe preconceito em relação a cor de pele, etnia, gênero..” (deise.jaqueline)

¹⁶ <https://www.instagram.com/p/Cfq7U3Ts-Od/?next=%2F&hl=pt-br>

“Chocada que “boa aparência” está diretamente ligada ao mercado de trabalho e não a questões de autoestima.” (lisattorres)

“Coloquei a expressão boa aparência primeiro na opção todas e apareceram matérias relacionadas a empregos. Quando coloquei a opção imagens, todas eram de pessoas de pele clara, cabelos lisos e roupas no estilo clássico.” (claudiarterapeutacomplementar)

“Mudamos as épocas, mas não mudou muito o que os enunciados pedem. E quem eles excluem.” (meuladocassiano2)

“Os resultados que apareceram pra mim com a pesquisa da expressão “boa aparência” são em grande parte relacionados ao mercado de trabalho, entrevistas de emprego, e geralmente com referências de imagem de homem branco de terno. Algumas poucas imagens falavam sobre questões cosméticas, geralmente com fotos de mulheres passando cremes ou outros produtos no rosto.” (amandagmcharao)

Fica claro nos resultados da pesquisa proposta pela atividade, que o mecanismo de busca Google prefere mostrar, nesse caso a pesquisa pelo termo “boa aparência”, um resultado padronizado pautado na branquitude, ao entregar como padrão de boa aparência homens brancos e mulheres brancas, com cabelos lisos e todos(as) magros(as). Nesse sentido, Tarcízio Silva (2019), defende que o algoritmo é uma tecnologia racista, o que ele denomina racismo algorítmico.

Silva (2019) defende o conceito de ‘racismo algorítmico’. Segundo o autor, este constructo se define como interfaces e sistemas automatizados, tais como as plataformas de redes sociais, que podem não somente reforçar, mas também ocultar dinâmicas de cunho racistas das sociedades onde são empregadas e amplamente disseminadas (SILVA, 2019. apud, TRINDADE, 2020. p. 31).



Figura 25: Paulo Corrêa. Terragrita, (2021-2022). Material reciclado (papelão, cordas, metais, dentes de animais), giz e pigmentos minerais. Dimensões variadas. Acervo do artista. Fonte: o autor

Na sua obra intitulada Terragrita (2021-2022) (figura 25), o Artista Plástico Paulo Corrêa (Pelotas, RS, 1965) nos intriga, denuncia e narra a vida cotidiana da maioria das pessoas negras. Na construção da obra, que participou da exposição Presença Negra no MARGS (2022), o artista utiliza materiais reciclados, em especial o papelão de caixas de televisores, transformando o lixo, meio de subsistência de parte da população negra moradora das periferias que trabalha nas cooperativas de reciclagem, em Arte. Segundo Corrêa, “o código binário, que eleva a humanidade pela tecnologia, faz despencar quem não está inserido nela em dois segundos.” O artista denuncia não só o racismo algorítmico, mas, também, o racismo digital em geral, tendo em vista que a não inclusão digital atinge sempre as classes mais baixas da população. A obra, repleta de símbolos que denunciam a posição social do(a) negro(a), traz como destaques uma imagem do menino João Pedro Mattos

Pinto (2006-2020), morto em agosto de 2020, em uma operação policial na cidade de São gonçalo, RJ e duas mãos cerradas, símbolo da resistência negra.

Na forma presencial a atividade Boa aparência: presenças e ausências, foi apresentada em dois momentos. O primeiro, para estudantes da disciplina Laboratório de Criação de Material Didático, UFRGS, 2022/1, no dia 18 de julho de 2022, e o segundo, para a turma G3, do Centro Franciscano Pedro Chaves Barcellos, em Alvorada, no dia 09 de agosto de 2022. Nas aulas presenciais, o resultado não foi diferente da consulta realizada na rede social. Os(as) estudantes foram além das discussões raciais, reforçando os critérios discriminatórios das buscas realizadas pelos mecanismos de busca. No Centro Franciscano, os(as) estudantes de colocaram no lugar contrário à boa aparência, o que me faz presumir que, por se tratar de crianças entre 12 e 15 anos de idade, o algoritmo do mecanismo de pesquisa prejudicará a autoestima destas crianças, pelo fato delas não se verem representadas em imagens positivas. Sendo comentário geral que eles(as) não teriam chances na disputa por vaga de emprego, por não estarem de acordo com o padrão do algoritmo. Nesse sentido, a atividade teve o intuito de fazer as crianças perceberem que o padrão de beleza é imposto pela classe hegemônica e que elas não são culpadas por estarem fora do padrão.



Figura 26: Card da Exposição presença negra no MARGS. Fonte: <https://www.margs.rs.gov.br/midia/presenca-negra-no-margs/>

Conforme foi mencionado anteriormente, minha principal fonte de pesquisa de artistas negros, negras e negres, foi a Exposição Presença Negra no MARGS (figura 26), que aconteceu no período entre 14 de maio a 21 de agosto de 2022, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, MARGS. A exposição, que teve a curadoria de Igor Simões e Izis Abreu, com a curadoria-assistente Caroline Ferreira, teve sua abertura após o início das pesquisas para a realização deste trabalho, entretanto, por se tratar de uma exposição histórica, me senti obrigado a incluí-la como principal fonte de pesquisa de artistas negros, negras e negres.

Considero os museus lugares inóspitos, pouco amigáveis e são feitos para poucos usufruírem. Cocotle, 2019, confirma: “O museu é produto de uma narrativa colonial e, ao mesmo tempo, seu dispositivo (COCOTLE, 2019. p.3).” Apesar de ser estudante de Artes Visuais, infelizmente, não os visito como deveria, pois, via de regra, sei o que encontrarei no seu interior: exposições com artistas já consagrados pelo sistema da arte que, muitas vezes, se repetem.

Não tenho ideia de quantas vezes visitei o MARGS, mas lembro que a primeira vez que me senti à vontade foi na visita à exposição “Lia Menna Barreto: A

boneca sou eu — Trabalhos 1985-2021”, que ocorreu no período entre 11 de maio a 22 de agosto de 2021. A exposição era belíssima e nos fazia pensar sobre o tempo, sobre a materialidade das coisas e sobre a nossa própria existência. Entretanto, a exposição ficou em segundo plano, pois o que me chamou a atenção de verdade foi a mediadora, uma moça negra. Pela primeira vez desde que comecei a visitar museus eu me senti acolhido. O museu, naquele momento, perdeu o ar “carrancudo” e ficou mais amigável. Mais tarde, soube que a mediadora era a curadora-assistente da exposição Presença Negra no MARGS, Caroline Ferreira.

Mais do que números, Presença Negra no MARGS foi marcada pela importância, por ser uma exposição necessária e urgente, que trouxe como protagonistas 70 artistas negros, negras e negres, apresentando aproximadamente 200 obras de acervos de outras instituições e coleções particulares. É uma reparação histórica que parte da pesquisa da curadora Izis Abreu, na qual ela constata que, dentre os 1079 artistas que compõem o acervo do MARGS, apenas 25 são negros ou negras e, dentre as 5598 obras constantes no seu acervo, apenas 134 foram produzidas por artistas negros ou negras.

Acima de tudo, Presença Negra no MARGS transformou o museu em um espaço de resistência, em um quilombo, onde seus integrantes estavam tendo vozes e formas. Foi concebida por curadores(as) negros(as) a partir de uma perspectiva negra, onde pessoas negras contaram sua história gritando: nós existimos e não aceitaremos ser apagados novamente. Nas palavras dos(das) curadores(as):

“Nesta exposição, escolhemos trabalhar apenas com produções que vêm de mãos e mentes negras. Esta é uma posição política que se refere à necessidade de conceber a arte afro-brasileira não como um tema, um estilo ou conteúdos preestabelecidos, e, sim, como a parcela da arte brasileira produzida por sujeitos negros. A insistência em uma história de ascendência europeia serviu para nublar a presença de sujeitos negros em um estado com forte contingente de pessoas racializadas como negras. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul é questionado e, portanto, também se questiona, posto que é o principal museu de nosso Estado”.
(<https://www.margs.rs.gov.br/midia/presenca-negra-no-margs/>)

O museu, por um momento, foi “empretecido”. Pela segunda vez me senti acolhido por esta instituição. Eu estava em casa, finalmente! Visitei a exposição por várias vezes e consegui ver materializado, compreender e talvez ressignificar, o conceito de representatividade, quando vi o brilho dos olhos criança da escola quilombola intensificado no momento que ela percebe que, sim, ela pode ser o que ela quiser, ela é linda, ela é forte e potente.

A sensação de estar em casa, creio eu, não foi sentida somente por mim, pois, dentre todas as vezes que visitei o museu antes da exposição, não lembro de tê-lo visto com tanta circulação de pessoas, principalmente negras. Também não me recordo de ter visto tantos artistas circulando pelo seu interior. Dados preliminares extra-oficiais demonstram que em torno de 400 pessoas por dia circularam pelo espaço, e só na abertura compareceram aproximadamente 1000 pessoas.



Figura 27: Abertura da exposição Presença Negra no MARGS, 21/08/2022. Fonte: o autor

Logo na entrada da exposição, o(a) visitante se depara com a expressão lorubá "Obá Oritá Metá" (figura 27), que caracteriza o orixá Exú como o rei das três encruzilhadas. Exú, Elegbra ou Bará, é o orixá que representa mobilidade e ação criativa. A filosofia exuística acerca da encruzilhada de três caminhos é adotada na exposição "Presença Negra no MARGS" como desenho esquemático de três possibilidades de compreensão acerca das obras que a integram. O objetivo é evidenciar a pluralidade poética da produção artística de autoria negra e as diferentes rotas.¹⁷

Abaixo, transcrevo algumas falas de artistas que participaram da exposição, que demonstram a importância histórica deste evento¹⁸.

"Estou muito contente de participar do projeto. [...] Me impressionei com os números do museu, estou muito empolgado em fazer parte do projeto e tentar aumentar os números. Estar expondo no MARGS é uma vitória, não só para o artista, mas também, para o movimento negro. É importante a discussão estar presente nas salas de aula." (Gustavo Assarian)

"A oportunidade de duas gerações poderem expor juntas no mesmo tempo histórico aproxima a memória do passado com os anseios do presente. O encontro entre gerações propicia uma riqueza de trocas." (Rogério Fraga)

"Me enriqueceu como professora, enquanto pintora negra. [...] vendo os artistas me deu um gás, foi muito importante pq os alunos perguntam se não tem pintores negros. Só tem artistas brancos?" (Professora Denise Martins, da Escola Rubem Berta)

"Percebe-se que a invisibilização das produções de artistas negros é estratégica. Estar nesta exposição é estar na contra-mão. É importante estar neste espaço sabendo que não está sozinho, está trazendo as narrativas, as histórias dos nossos, dos que vieram antes." (Wagner Mello)

"Eu achava o museu muito institucional, eu tinha que entrar e ficar quietinha, olhava algumas obras e não me identificava. Depois da exposição, conheci tanta gente que é parecida

¹⁷ Interpretação de Obá Oritá Metá retirada de um texto afixado na lateral da estrutura que ficava na entrada da exposição.

¹⁸ As falas dos(das) artistas, foram gravadas com a autorização deles(as) durante a cerimônia de encerramento da exposição Presença Negra no MARGS, em 21/08/2022

comigo. Quando falo com outros artistas e eles dizem que tal trabalho foi inspirado em tal e tal coisa, eu consigo me identificar.” (Vick Macedo)

“A ausência destas pessoas é uma escolha, é sistêmica, não é ao acaso. O que mais me chama atenção de participar dessa exposição é colaborar com esta curva que está sendo feita na história da arte. Eu me sinto muito sortudo, ao mesmo tempo que sei que não é sorte, é muita luta. [...] Sei que muita gente lutou para desembocar em mim, desembocar aqui, em 2022. Foram anos de luta. Em algum momento ia desembocar, em algum momento ia desaguar, e desembocou exatamente na nossa vez. É uma responsabilidade muito grande.” (Gabi Faryas)

Nós vimos esse museu, pela primeira vez na sua história, fora de um contexto de Bienal (do Mercosul) com muitas pessoas pretas vindo visitar todos os dias da semana e, principalmente, nos finais de semana. É uma exposição de cunho político e social. Esse tipo de exposição precisa se tornar um política de exibição dos museus e, também, política de aquisição de acervos (de artistas negros e negras). Este projeto surge de uma deficiência, que é se deparar com um acervo de 1100 artistas e desses, apenas 22 eram negros e, desses 22, apenas uma era mulher. Se a gente for projetar isso na nossa sociedade começamos a entender como funciona o racismo estrutural. [...] Os museus precisam adotar ações afirmativas, não somente relacionadas à raça, mas a gênero, sexualidade e também com referência a pessoas com deficiência física. [...] Enquanto o privilégio branco for a base que sustenta as nossas instituições, a gente não vai avançar. Não adianta fazer uma exposição como esta, problematizando várias coisas importantes, enquanto a estrutura da instituição é predominantemente branca. [...] Precisamos falar sobre isso no campo da Arte. (Izís Abreu, curadora da exposição)

Diante da dificuldade estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) em encontrar artistas negros e negras como referências nas suas pesquisas, desenvolvi uma página na internet que funciona como um mapeamento de informações relevantes sobre estes artistas, se tornando uma importante fonte de pesquisa, demonstrado que sim, existem muitos(as) artistas negros(as) produzindo que são excluídos(as) do sistema da arte e das universidades. De acordo com o Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte, realizado para a coleta de informações deste trabalho, 64% das respostas de alunos(as) e 80% das respostas de professores(as) indicam dificuldade em encontrar artistas negros e negras (figura 28).

Qual o grau de dificuldade para encontrar artistas negros para usar como referência nos seus trabalhos ligados à arte?

25 respostas

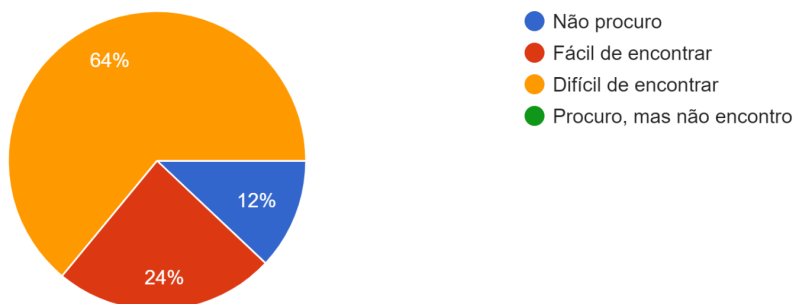


Figura 28: Gráfico de respostas da pesquisa Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte. Respostas de estudantes
Fonte: o autor.

Qual o grau de dificuldade para encontrar artistas negros para usar como referência nas suas aulas?

10 respostas

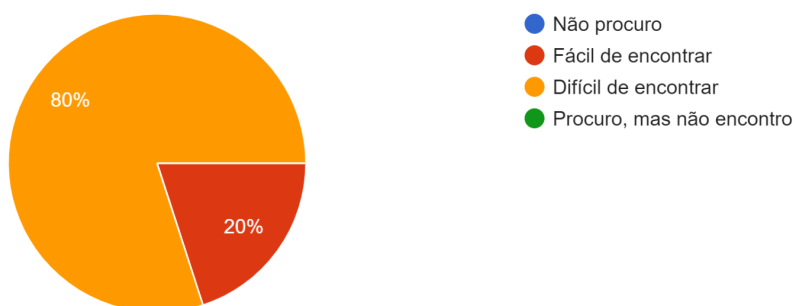


Figura 29: Gráfico de respostas da pesquisa Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte. Respostas de professores(as). Fonte: o autor.

Este acervo ficará hospedado no meu próprio domínio, endereço eletrônico: <

<https://ariogoncalves.com.br/arte-educacao/questao-de-pele/questao-de-pele-pagina-inicial/> > (figura 30) e poderá vir a ser aumentado de forma colaborativa, ficando aberto para que alunos(as), professores(as) e pesquisadores(as) tenham o máximo de referências possível para utilizar em suas aulas, para seus alunos(as) e para suas pesquisas.

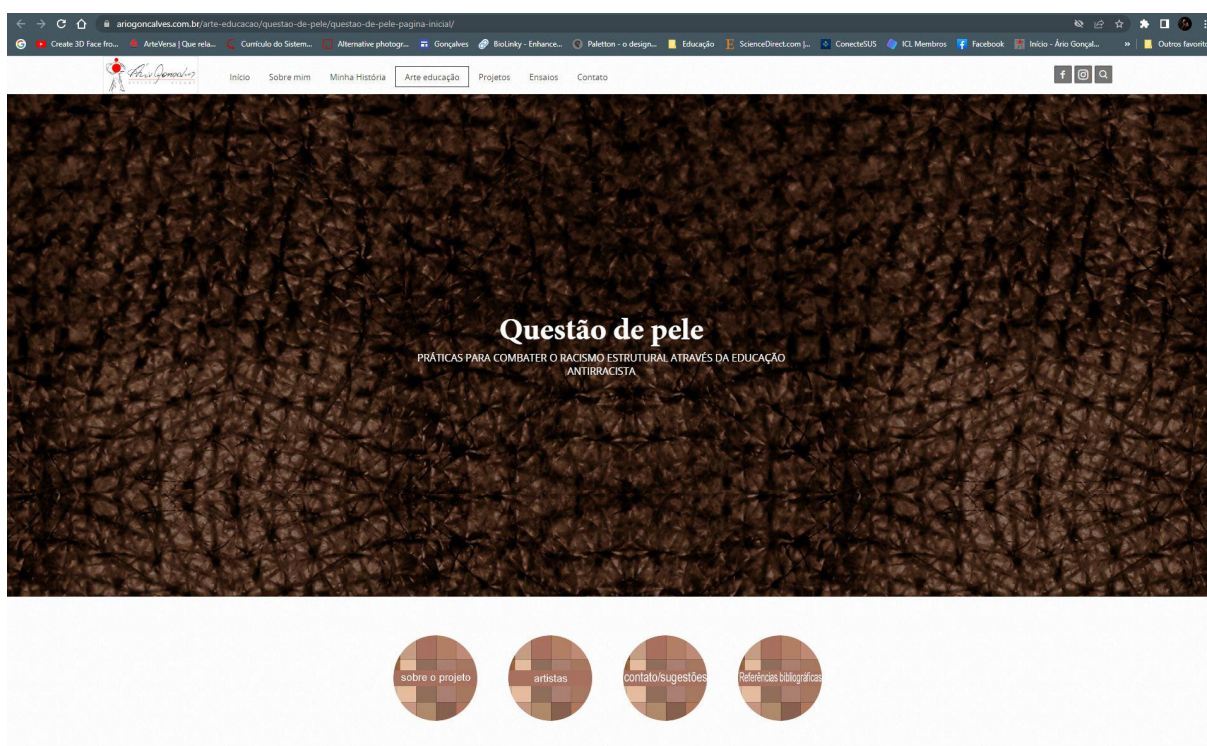


Figura 30: Página inicial de Questão de pele: práticas para combater o racismo estrutural através da educação antirracista. Fonte: o autor

Sempre que houver mais informações sobre o artista haverá um link que direcione para notícias a seu respeito, exposições abertas que ele participa, etc.

3.1. Estrutura do site

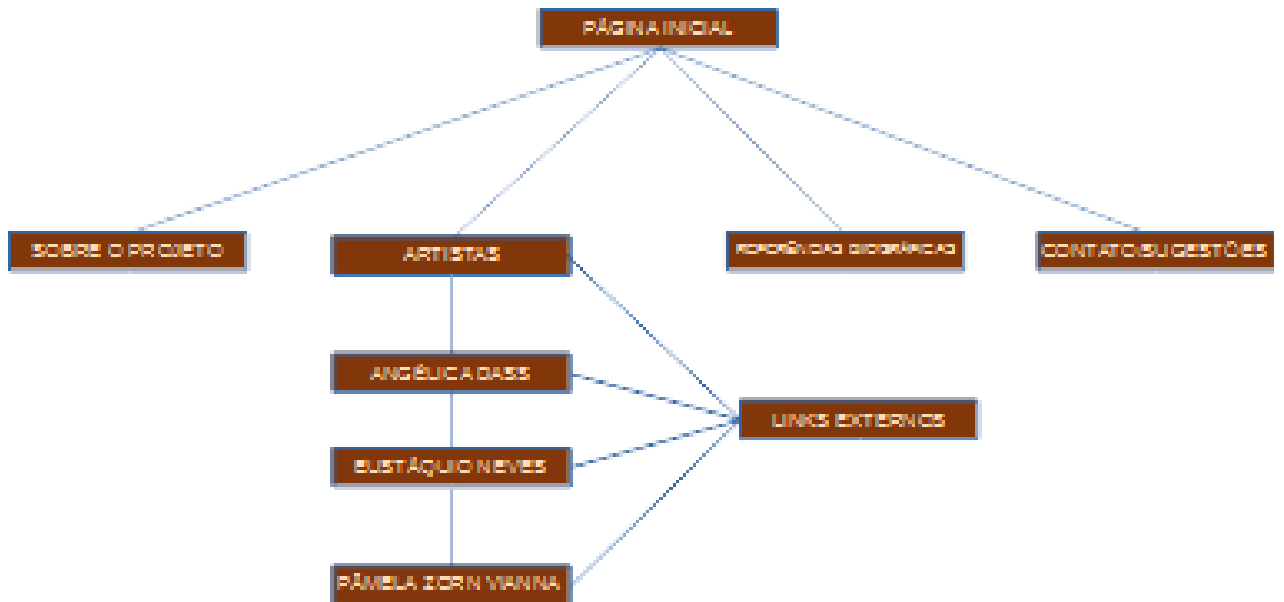


Figura 31: estrutura da página Questão de pele: práticas para combater o racismo estrutural através da educação antirracista. Fonte: o autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou um homem negro, nascido e criado na periferia, que ingressou na Universidade através da política de cotas raciais e, ao longo da sua vida, se afastou das suas origens. Este trabalho é uma feliz tentativa de reencontrá-la. Eu sempre digo que gostaria de estar falando de Arte, não de racismo, neste momento tão importante para mim, afinal, pesquisar e praticar Arte estão entre os objetivos principais deste curso de Licenciatura em Artes Visuais. Entretanto, ao término deste trabalho, percebi que sim, falei muito de Arte, talvez não da maneira que eu gostaria, mas da maneira necessária.

Este trabalho fala não só de estar presente, mas, também, de ser visto, apresentando artistas que não estão presentes nas referências das práticas artísticas e pedagógicas do Instituto de Artes da UFRGS. Quando eu fazia buscas por artistas negros e negras, eu não encontrava apenas um(uma), sempre encontrava vários(as) e me perguntava, onde estavam todas estas pessoas e por que elas não figuram entre as referências da universidade?

Nas conversas com artistas, durante a exposição Presença Negra no MARGS, ouvi muitas falas que reforçam que a luta para dar visibilidade a artistas negros e negras é conjunta, que as histórias são coletivas, mas pensamos estar sozinhos, justamente por causa do racismo estrutural, através do sistema da Arte, provocar o apagamento das nossas imagens e o silenciamento das nossas vozes.

BIBLIOGRAFIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Júlia Romeu. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. Portal Geledés. 28/20/2017. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARVALHO, Francione O, et al. **A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil**. Revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.36, p. 95-113, out. 2019-jan.2020. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/45288/pdf>> Acesso em 05/10/2022.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio para SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FERNANDES, Paula Soares. **SOFT TO BE STRONG Um olhar distinto sobre estereótipos da mulher negra**. Trabalho de Conclusão de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206263>>. Acesso em 18/09/2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas de emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.

MACEDO, Yuri Miguel. Et.al. **Pedagogia de Terreiro: pela decolonização dos saberes escolares**. Revista Vivências v. 15 n. 29. Erechim: jul./dez. 2019. p. 13-25. Disponível em: < <https://doi.org/10.31512/vivencias.v15i29.50> > Acesso em 20/09/2022.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: E. LANDER (org.), A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales. Buenos Aires: 2005 – CLACSO, p. 227-278. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf> Acesso em 14/11/2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI**. Revista da ABPN v. 6, n. 13. mar. – jun. 2014, p. 134-147. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/155/152>> Acesso em 11/09/2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Relatório**. In: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: 2004. p. 8 a 28. Disponível em <https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf> Acesso em 03/11/2021

TRINDADE, Luiz Valério P. **Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil**. In: Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos. Org. SILVA, Tarcízio. Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo,

2020.

APÊNDICE I - Práticas pedagógicas

a) Estudo das cores a partir do sistema Pantone e do sistema Prisional Brasileiro

- **Objetivos:** Observar as cores das cartelas de cores do sistema Prisional Brasileiro, compreendendo a sua formação; Entender como as cores são formadas; Criar cartela de cores com cores de pele presentes na turma; Provocar o debate sobre o racismo, branquitude e negritude a partir das referências apresentadas; Problematizar o conceito de raça.
- **Metodologia:** A partir da cartela de cores do Sistema Prisional Brasileiro, pretendemos instigar os/as estudantes a criarem uma cor que seja o mais próximo possível da sua cor de pele e, assim, criar uma cartela de cores de pele que represente a turma. Utilizando um medidor ou uma seringa para medir as quantidades, cada estudante fará a mistura das tintas até conseguir aproximar do seu tom de pele. As quantidades acrescentadas deverão ser anotadas para, no final, gerar uma fórmula de cor para utilização futura em qualquer quantidade. Após a conclusão cada um pintará em um papel, medindo 20cm x 20cm, a sua cor, dando a ela o seu nome. Os quadrados serão justapostos formando a cartela de cores da turma. As cores que comporão a cartela receberão os nomes dos/das estudantes que a criaram e pode-se, utilizando a fórmula da sua cor, cada estudante produzir maior quantidade de tinta, armazenando-a em potes para serem utilizadas posteriormente. Serão propostos debates sobre quais os motivos que geraram esta configuração da cartela de cores do Sistema Prisional, dentre eles uma comparação entre as cartelas de cores da turma e a do sistema Prisional. Criação de composições fotográficas, pinturas e desenhos utilizando a cartela de cores criada.

b) Fotografando sua cor

- **Objetivo:** Fotografar-se junto à sua cor obtida na cartela de cores de pele da turma.
- **Metodologia:** Cada estudante fará uma fotografia segurando o seu cartão de cor em frente a um fundo branco. As fotografias serão armazenadas em local a ser combinado com a turma. Posteriormente a cor do fundo será trocada

pela cor do cartão e impressa. Caso haja condições, a fotografia poderá ser feita em frente a um painel pintado com a cor do/da estudante.

c) Misturando as cores

- Objetivo: Misturar as cores de pele, problematizar o conceito de raça
- Metodologia: Com as tintas feitas em aula, cada estudante escolherá um parceiro para misturar a sua cor, gerando uma cor única entre os dois. Novamente será pintado um cartão tamanho 20cm x 20cm. Estas cores não receberão nomes.
- Reflexões sobre a atividade: o que achou da cor resultante? O que o levou a escolher tal parceiro? Analisando a cor gerada, você enquadraria ela em alguma raça?

d) Observando a realidade

- Objetivo: Reproduzir uma das cores da pele do sistema Prisional
- Metodologia: Dividir a turma em duplas. Cada dupla escolherá uma cor da cartela do sistema Prisional para reproduzir. Com a cor resultante, a dupla pintará um cartão de 20cm x 20cm.
- Reflexão da atividade: por que a dupla escolheu tal cor? A dupla levou em consideração alguma questão racial para escolher a cor?

e) Escrevendo nos cartões

- Objetivo: Provocar uma reflexão sobre o que significa ter nascido com determinado tom de pele; Escrever algumas reflexões sobre os cartões.
- Metodologia: De posse de todos os cartões produzidos até o momento, provocar uma discussão sobre o que significa ter nascido com a sua cor de pele, verificando se há diversidade nas cores dos cartões. Utilizando a sua própria tinta ou solicitando outra emprestada de um colega, escreva uma ou mais frases que já ouviu falar sobre a sua cor de pele. Caso não tenha o que escrever, o/a estudante pode escrever uma frase positiva a respeito de outro colega ou não escrever nada, caso assim o prefira.

f) Exposição e avaliação

- Objetivo: Expor os trabalhos produzidos e avaliar a atividade
- Metodologia: Montagem de exposição virtual ou física. Criação de um grande painel em local apropriado na escola para expor os trabalhos realizados; Conversa sobre o resultado final, podendo ser abordados alguns assuntos: somos todos iguais realmente? Qual a cor da tinta que pensamos quando

queremos pintar um desenho com a cor da pele? A cor da pele pensada se parece com as cores encontradas no exercício?

g) Presença da ausência

Material didático criado para a disciplina Estágio Obrigatório II: Docência em Artes no ensino fundamental.

- **Objetivos:** Apresentar artistas negros e negras com produção artística consistente mas não são mencionados no Instituto de Artes UFRGS; Problematizar o conceito de raça; Valorizar a ancestralidade; Valorizar a oralidade como transmissão de conhecimento; Apresentar artistas, no campo da Arte contemporânea, que criaram suas obras a partir da sua etnia.
- **Metodologia:** Material pedagógico disponibilizado através da internet apresentando artistas negros e negras, com proposições de atividades que podem ser adaptadas pelo(a) Arte Educador(a) à sua realidade. As atividades foram pensadas para serem executadas independentes uma das outras, mas podem compor um projeto de ensino completo, dependendo do interesse e da disponibilidade do(a) Arte Educador(a). Cada atividade pode se desdobrar em mais de uma aula. Cada atividade contém links que levam a informações complementares sobre os(as) artistas. Para complementar alguma atividade poderão ser apresentados outros artistas.
- O material pedagógico ficará hospedado no endereço de internet: <https://ariogoncalves.com.br/arte-educacao/presenca-da-ausencia/>, podendo, a partir dele, surgir uma versão para impressão e vídeos tutoriais das atividades.
- **Artistas de referência:** Angélica Dass (Rio de Janeiro, RJ, 1979), Humanae (2012), Eustáquio Neves (Juatuba, MG, 1955), A boa aparência (1999), Falado (2020) e Pâmela Zorn Vianna (Três Coroas, RS, 1998), Entre lugares

Atividades que integram Presença da ausência

a) A cor certa

- **Conteúdos:** Cores
- **Objetivos:** Fazer uma tinta cor de pele. Provocar discussão a respeito das diferentes cores de pele que não só as padronizadas pelos livros didáticos.
- **Metodologia:** aulas práticas e rodas de conversa.

- Recursos: tintas guache nas cores ciano, magenta, amarelo, branco e preto, materiais para limpeza, pincéis, recipientes para armazenagem de tintas.
- Possíveis desdobramentos: Convide os alunos a misturar as tintas até encontrar a cor da sua pele, anotando as quantidades de cada tinta acrescentada para que esta possa ser replicada mais tarde; Convide-os a fazer desenhos, pinturas utilizando estas cores de tinta; É possível pintar um painel e fotografar em frente a ele ou pintar um pequeno cartão 20 x 20cm, fazer uma fotografia segurando ele e trocar o fundo pela cor do cartão utilizando softwares adequados.

Misture cores de pele e veja o que acontece;

Monte um painel com as cores encontradas, formando a cartela de cores da turma

- Conversa com a turma: qual a diferença entre as cores de pele encontradas e as comumente utilizadas? Você encontra a sua cor de pele nos produtos comerciais para pintura e desenho (lápiz de cor, tintas, etc)? Se você misturar as cores encontradas pela turma, qual será o resultado? Pelas cores encontradas, é possível determinar uma raça/etnia específica para a pessoa possuidora de tal cor?

b) Como viveram meus avós

- Conteúdos: ancestralidade e oralidade
- Objetivos: Valorizar a ancestralidade; valorizar a transmissão de conhecimento através da oralidade
- Metodologia: Rodas de conversa e pesquisa com familiares
- Recursos: sala de aula com cadeiras dispostas em forma circular
- Desenvolvimento: Pergunte aos alunos o que eles sabem sobre a sua ancestralidade, quando a sua família chegou ao Brasil, como chegou, quais foram as maiores dificuldades ao chegar aqui? Você pode dividir a turma em duplas ou trios, onde um conta para o outro dentro do grupo, depois se abre as conversas para a turma; Peça para seus alunos conversarem com a família sobre a sua ancestralidade; Verifique se seus alunos possuem um álbum de família ou fotos de seus ancestrais; Indague aos que possuem sobre quais elementos existem nestes álbuns podem indicar sua origem. A família possui algum objeto/utensílio que pertenceu ou foi usado por algum

ancestral do aluno? Peça fotos ou para eles trazerem o objeto para a aula, se for possível, converse sobre ele.

É possível tentar fazer um “Retrato falado” digital de um ancestral a partir de informações obtidas com parentes, use o app Portrait pad no computador, baixe em:

[https://www.microsoft.com/pt-br/p/portraitpad/9wzdncrdj2td?tduid=\\$2ae97995f5b19963d79e92efb613076d\\$\\$259740\\$\\$2804583\\$\\$\\$\\$#activetab=pivot:overviewtab](https://www.microsoft.com/pt-br/p/portraitpad/9wzdncrdj2td?tduid=$2ae97995f5b19963d79e92efb613076d$$259740$$2804583$$$$#activetab=pivot:overviewtab)

c) Autorretrato, auto representação, autodeclaração

- Conteúdos: autorretrato, auto representação, autodeclaração racial, desenho, fotografia
- Objetivos: fazer um autorretrato
- Metodologia: Aula prática, com desenho sobre o celular
- Recursos: telefone celular com câmera, papel sulfite, lápis
- Desenvolvimento: Peça para o aluno colocar uma folha de papel sulfite sobre a tela do celular com uma fotografia sua aberta e desenhar. O desenho pode ser pintado utilizando a tinta feita com a cor do próprio aluno, caso tenha sido feito anteriormente; Pesquisar na internet ou, caso possua, fotografar algum acessório/ roupa típica de suas origens. Faça vários desenhos que podem ser sobrepostos, formando uma imagem única, ou ir preenchendo a folha; Também pode ser pedido para que o aluno vista ou utilize algum objeto em casa e fotografe, neste caso, as fotografias serão mostradas em aula ou postadas em local combinado na internet.
- Conversa com a turma: Converse sobre a experiência. Houve dificuldade em encontrar roupas e acessórios ancestrais na internet? Caso alguém não tenha encontrado, qual foi o motivo?

d) Boa aparência, presenças e ausências

- Conteúdos: Fotografia, imagem digital
- Objetivos: analisar na internet imagens vinculadas à beleza e boa aparência
- Metodologias: pesquisa no Google e roda de conversa
- Recursos: computador ou celular conectado na internet
- Desenvolvimento: Pesquise com os alunos imagens no Google utilizando a expressão “boa aparência”. Peça para que eles façam um print das telas com os resultados; Monte um painel com todos os resultados.

- Conversa com a turma: O que eles consideram uma pessoa de boa aparência? Quais as imagens predominantes? Por que elas predominam no resultado da pesquisa? Falta algum tipo de imagem nos resultados da pesquisa? Os alunos acham que se enquadram na definição de boa aparência do Google?

e) Escrita positiva

- Conteúdos: Imagem e palavra
- Objetivos: Provocar discussão sobre o que ouvimos falar quando alguém se refere às cores de peles, raças e etnias; Unir imagem e palavra, promovendo a valorização de si.
- Recursos: celular com câmera, papel sulfite, lápis
- Desenvolvimento: Peça para o aluno colocar uma folha de papel sulfite sobre a tela do celular com uma fotografia aberta e desenhar. O desenho pode ser pintado utilizando a tinta feita com a cor do próprio aluno, caso tenha feito anteriormente; Caso tenha feito a atividade 3, autorretrato/auto representação, o mesmo material pode ser utilizado aqui; Converse com os seus alunos sobre os aspectos positivos da sua aparência; Peça para eles escreverem nos desenhos apenas os aspectos positivos sobre ela. Vários desenhos podem ser feitos em uma mesma folha, utilizando as tintas cores de pele já produzidas ou lápis coloridos diversos. Sobreponha desenhos e palavras e veja o resultado.

APÊNDICE II - Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte.

Seção 1 de 3

Levantamento de dados sobre representatividade negra nas atividades pedagógicas no ensino da arte.

Este formulário foi criado como instrumento auxiliar no trabalho de Conclusão de Curso pelo aluno de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Ário Gonçalves, cujo tema trata da representatividade de artistas negros(as) como referências nas práticas pedagógicas do ensino da arte. O objetivo principal é entrevistar estudantes e professores(as) de toda a rede de ensino para levantar alguns dados sobre o conhecimento de artistas negros(as) nas referências das práticas pedagógicas no ensino da arte

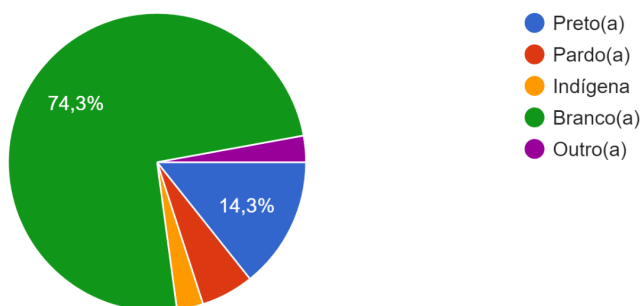
E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

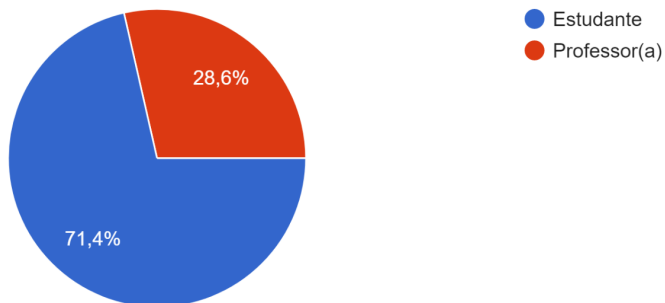
Como você se identifica racialmente?

35 respostas



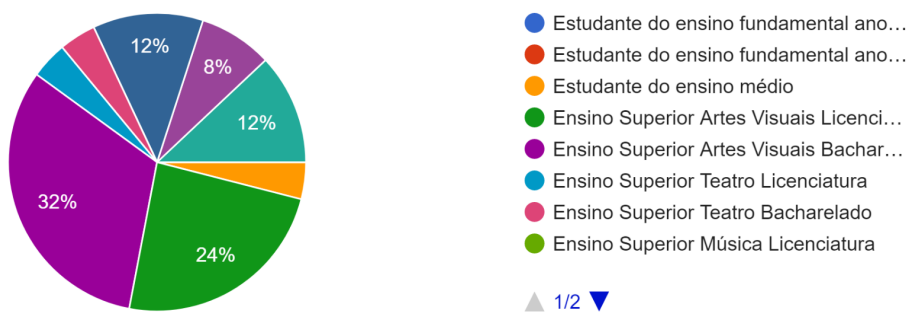
Você é estudante ou professor(a)?

35 respostas



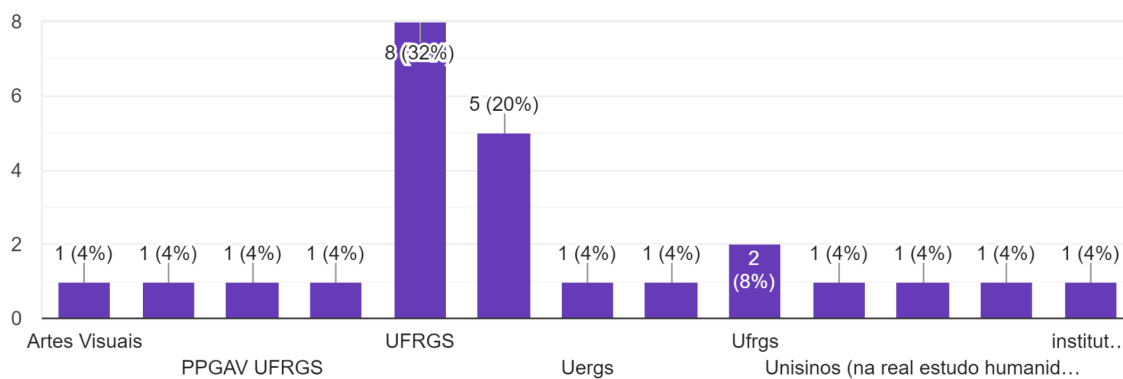
Em qual curso está matriculado?

25 respostas



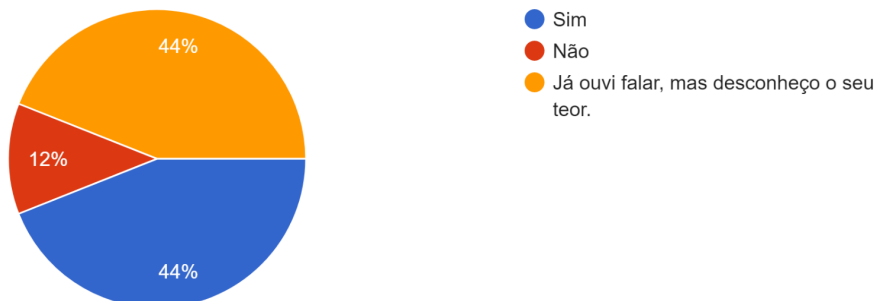
Onde você estuda?

25 respostas



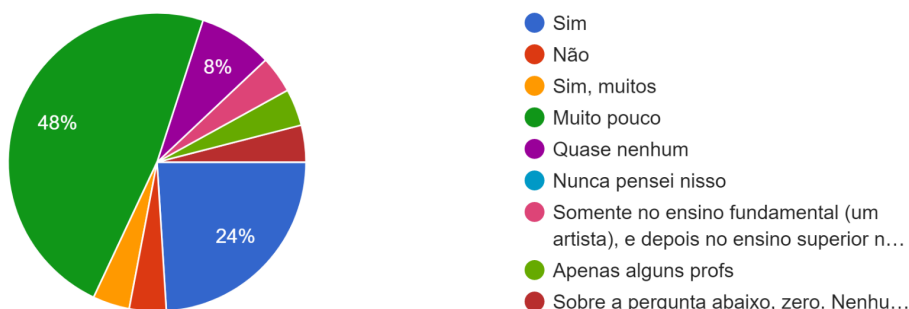
Você conhece as leis 10639/2003 e 11645/2008, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial ...ca “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”?

25 respostas



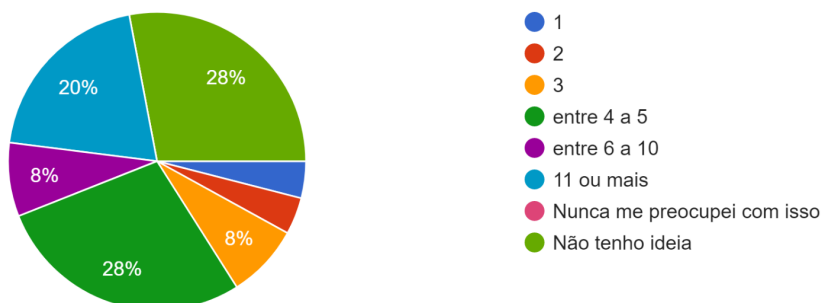
Nas práticas pedagógicas artísticas, seus professores apresentam artistas negros/negras como referência?

25 respostas



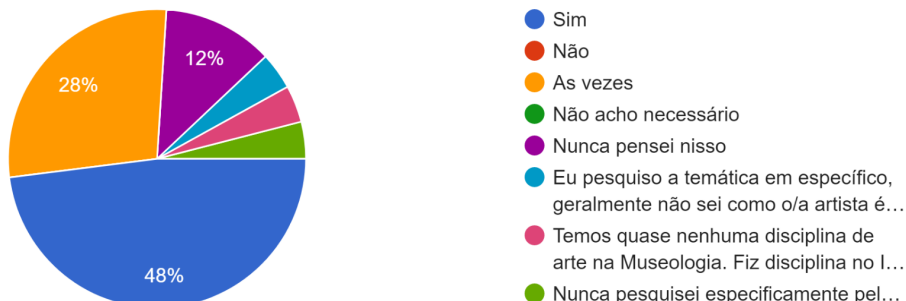
Ao longo do seu curso, a quantos(as) artistas negros(as) você foi apresentado?

25 respostas



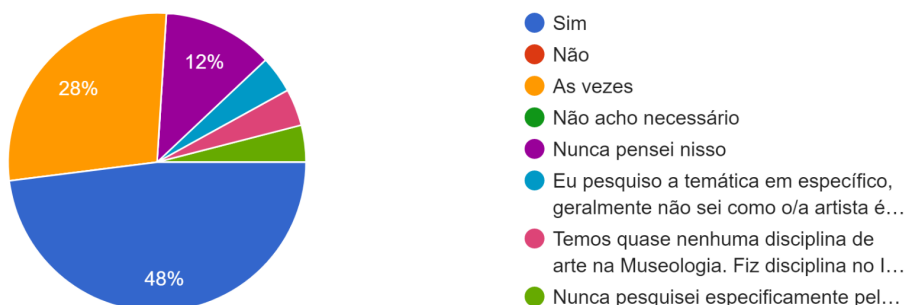
Na apresentação de trabalhos relacionados a arte, você pesquisa artistas negros/negras para apresentar como referência teórica ou imagética?

25 respostas



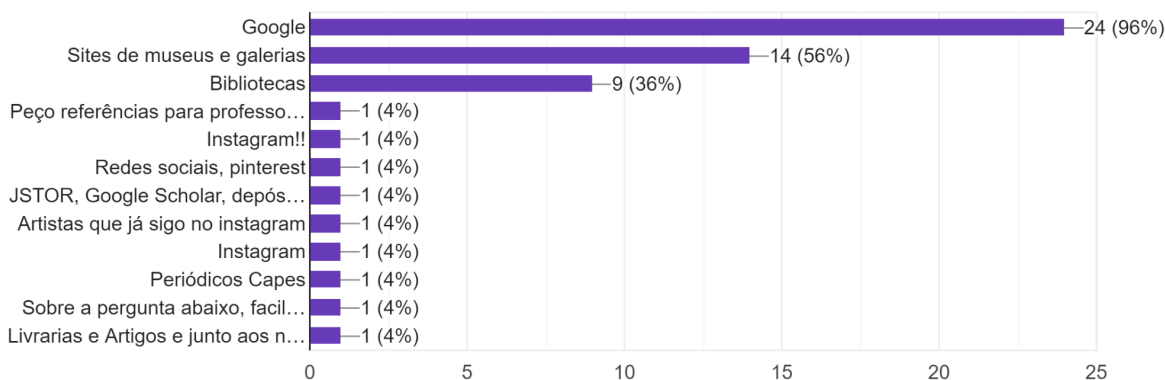
Na apresentação de trabalhos relacionados a arte, você pesquisa artistas negros/negras para apresentar como referência teórica ou imagética?

25 respostas



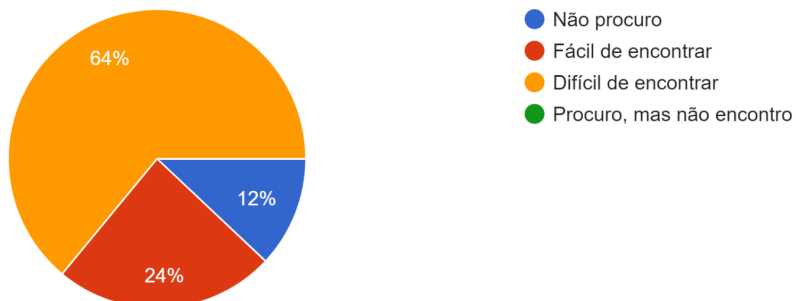
Se você pesquisa, onde você faz esta pesquisa?

25 respostas



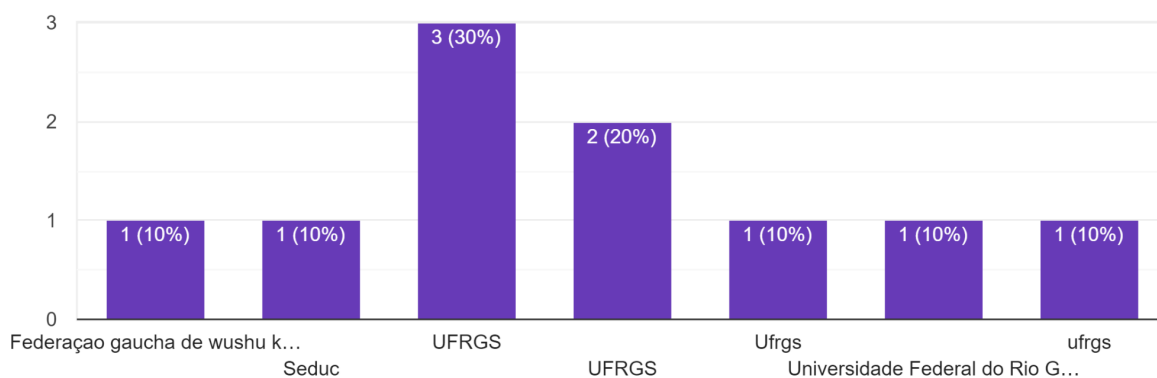
Qual o grau de dificuldade para encontrar artistas negros para usar como referência nos seus trabalhos ligados à arte?

25 respostas



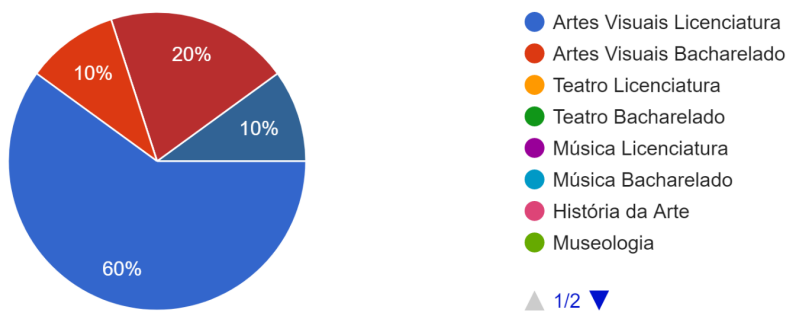
Em qual instituição de ensino você se formou?

10 respostas



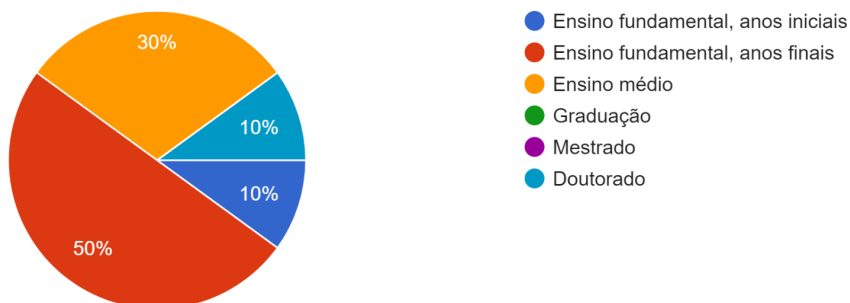
Qual a sua formação?

10 respostas



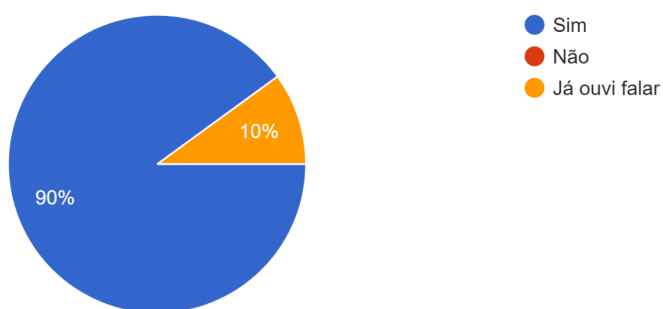
Para qual o grau de escolaridade você leciona?

10 respostas



Você conhece as leis 10639/2003 e 11645/2008, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial ...ca "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"?

10 respostas



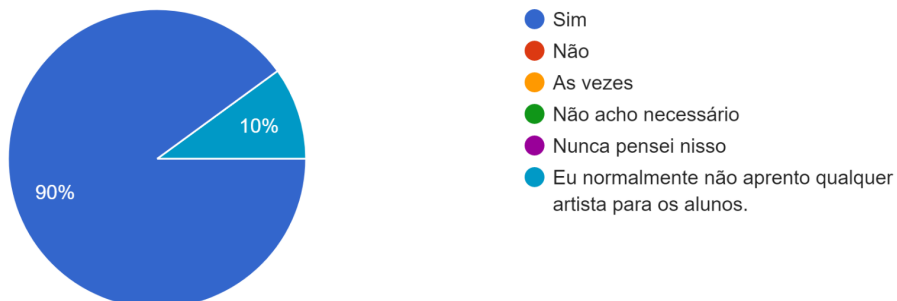
Você leva em consideração, nas suas atividades pedagógicas, conteúdos pautados na educação antirracista?

10 respostas



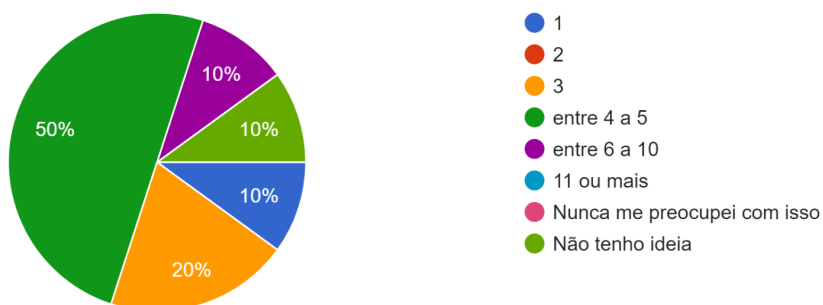
Você apresenta, para os(as) estudantes, artistas negros/negras como referência teórica ou imagética?

10 respostas



Em média, quantos(as) artistas negros(as) você apresenta para os seus alunos, por ano letivo ou semestre letivo

10 respostas



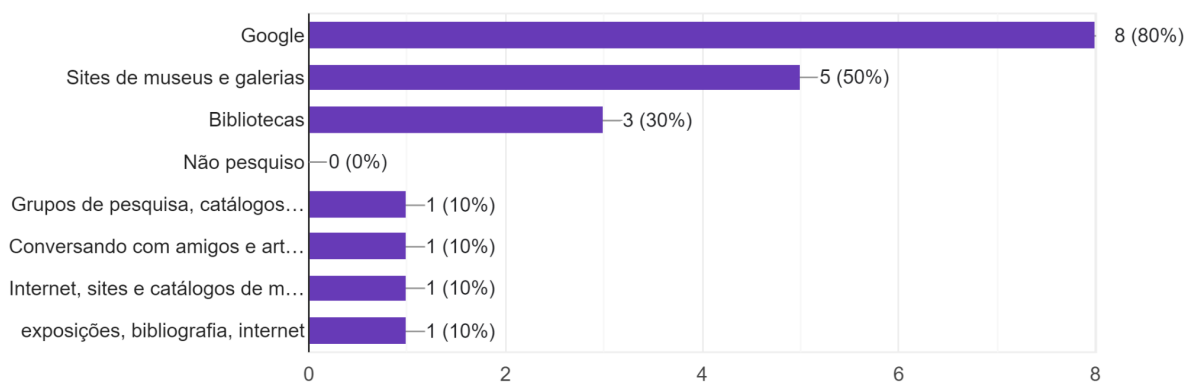
Você sugere que seus alunos(as) pesquisem artistas negros/negras para usar e/ou apresentar como referência teórica ou imagética em seus trabalhos escolares?

10 respostas



Onde você pesquisa artistas negros(as) para apresentar para seus alunos(as)

10 respostas



Qual o grau de dificuldade para encontrar artistas negros para usar como referência nas suas aulas?

10 respostas

